

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE

**CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
PARA O ENSINO NA PRÉ-ESCOLA.**

SÃO MATEUS - ES

2022

VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE

CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS
PARA O ENSINO NA PRÉ-ESCOLA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Educação e Tecnologia.

Área de Concentração: Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Mariluz Sartori Deorce.

SÃO MATEUS - ES

2022

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Centro Universitário Vale do Cricaré – São Mateus – ES

L533c

Leite, Viviane Santiago de Jesus.

Contribuições da contação de histórias para o ensino na pré-escola / Viviane Santiago de Jesus Leite – São Mateus - ES, 2022.

112 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Centro Universitário Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof^a. Dr^a. Mariluz Sartori Deorce.

1. Educação infantil. 2. Arte de contar histórias. 3. Aprendizagem cognitiva. 4. Práticas de ensino. 5. Presidente Kennedy - ES I. Deorce, Mariluz Sartori. II. Título.

CDD: 372.6

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6^a Região – MG e ES

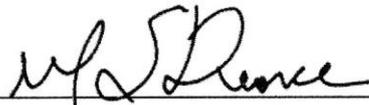
VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE

**CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O
ENSINO NA PRÉ-ESCOLA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação no Centro Universitário Vale Do Cricaré (UNIVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 10 de junho de 2022.

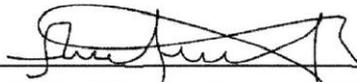
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Mariluz Sartori Deorce
Presidente



Profa. Dra. Kátia Gonçalves Castor
Membro Interno



Prof. Dr. Diones Augusto Ribeiro
Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço a Deus por me conceder vida e saúde para realizar mais um sonho. Sem o sustento e a direção de Deus jamais teria chegado até aqui. Agradeço ao meu esposo, Alexandre Lemos Leite, que foi meu grande incentivador para a realização desta conquista, sempre me apoiou em todas as etapas de estudos, foram inúmeras as vezes que não me deixou desistir, quando batia o desânimo devido à correria do dia a dia, um verdadeiro amigo, companheiro, sempre me ajudando e auxiliando no que foi necessário.

Agradeço à minha filha, Maysa Santiago Lemos, que sendo ainda tão pequena pode entender e compreender algumas de minhas ausências, foi ela também minha motivação e força constante para prosseguir, sou imensamente grata, pois sempre acreditou em mim.

Não poderia deixar de agradecer à gestão, juntamente com a secretaria de educação de minha cidade, por ter proporcionado, a mim e demais colegas, essa grande oportunidade, de adquirirmos a bolsa de estudo, uma oportunidade ímpar, que nem imaginaríamos um dia alcançar.

Minha gratidão, também, à escola EMEIEF “Pluridocente Barra de Marobá”, em companhia de toda direção e funcionários, por me permitir a realização desta pesquisa em suas dependências, obrigada pelo apoio.

Aos amigos, professoras que, de uma forma direta e indiretamente, participaram desta vitória, em especial à amiga Sheila Altóe que, de um jeito especial, me apoiou com palavras de incentivo, para continuar firme na busca por este sonho.

Agradeço às considerações feitas pela Prof^a. Dra. Kátia Gonçalves Castor em minha pesquisa, que enriqueceu, com seu vasto conhecimento na área.

Uma gratidão imensa também tenho por minha orientadora a Dra. Mariluz Sartori Deorce, que foi meu grande suporte, presente em cada detalhe, quantas orientações ricas em conhecimentos ela me passou e quantos aprendizados pude desfrutar através de suas orientações. Meu muito obrigada a todos vocês, queridos! Levá-los-ei sempre em meu coração.

RESUMO

LEITE, Viviane Santiago de Jesus. **Contribuições da contação de histórias para o ensino na Pré-escola.** 2022, p. 112. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, 2022.

Esta pesquisa tem como objetivo explorar as contribuições da contação de histórias no ensino das crianças da Pré-escola, onde as brincadeiras e interações são os eixos estruturantes para as práticas escolares, norteados pelos documentos nacionais que regem a Educação Básica, como Brasil (2013) e Brasil (2017). Estudos apontam que é nessa fase em que as experiências das crianças promovem a construção do seu conhecimento e a contação de histórias passa a ser um recurso a ser analisado no sentido de potencializar a aprendizagem das crianças da Educação Infantil. Para tal, se faz importante descrever a Educação Infantil e o trabalho do professor nesta etapa para melhor compreensão de todo processo. Na pesquisa, o lúdico que permeia as práticas escolares traz o conceito básico de Benedet (2011) e para mergulhar no mundo da contação de histórias e das práticas que a contemplem no intuito de promover a aprendizagem dos alunos para a sua formação, enquanto cidadão, através do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, as colaborações vêm de Sisto (2012), Gubany (2019), Matos (2014), Gontijo (2001) que permitem compreender o mundo que envolve a contação de histórias e Piaget (2005), que traz a compreensão de como acontece o desenvolvimento da criança. A metodologia foi desenvolvida nos últimos meses de 2021, apoiada em uma pesquisa que se caracteriza por natureza qualitativa descritiva, por ser um estudo de caso que aborda as práticas dos professores com aplicação de uma entrevista com os mesmos e com dois momentos de roda de conversa. Paralelamente, foi realizado um levantamento de dados em dissertações, teses, artigos, livros, periódicos e outras publicações sobre o assunto. Os resultados obtidos com a pesquisa foram fundamentados por Bardin (2011), por meio de análise de conteúdo que demonstraram que a contação de histórias é importante para o ensino na pré-escola, pois com ela há possibilidades de potencializar o desenvolvimento das crianças, a partir de atividades mediadas pelo professor e ao abraçar a ludicidade, para permitir a imaginação fluir. Por fim, este traz como um dos objetivos construir, junto aos professores, um Produto Educacional em forma de guia didático, a fim de contribuir com o ensino dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”, em Presidente Kennedy/ES, dentro do contexto da contação de histórias.

Palavras-Chaves: Educação Infantil. Práticas Escolares. Ensino. Contação de Histórias.

ABSTRACT

LEITE, Viviane Santiago de Jesus. **Contributions of storytelling to Pre-school teaching**. 2022, p. 112. Dissertation (Master's) – Faculdade Vale do Cricaré, 2022.

This research aims to explore the contributions of storytelling in the teaching of Preschool children, where games and interactions are the structuring axes for school practices, guided by national documents governing Basic Education, such as Brazil (2013) and Brazil (2017). Studies show that it is at this stage that children's experiences promote the construction of their knowledge and storytelling becomes a resource to be analyzed in order to enhance the learning of children in Kindergarten. For this, it is important to describe Early Childhood Education and the teacher's work at this stage for a better understanding of the entire process. In the research, the playfulness that permeates school practices brings the basic concept of Benedet (2011) and to delve into the world of storytelling and practices that include it in order to promote student learning for their education, as citizens, through cognitive, affective and social development, collaborations come from Sisto (2012), Gubany (2019) and Matos (2014) that allow us to understand the world that involves storytelling and Piaget (2005), which brings the understanding of how the child's development happens. The methodology was developed in the last months of 2021, supported by a research that is characterized by descriptive qualitative nature, as it is a case study that addresses the practices of teachers by applying an interview to them and with meetings in the form of a conversation circle. At the same time, a data survey was carried out in texts, articles, books, periodicals and other publications on the subject. The results obtained with the research were supported by Bardin (2011), through content analysis that showed that storytelling is important for teaching in preschool, because with it there are possibilities to enhance the development of children, the from teacher-mediated activities and by embracing playfulness, to allow imagination to flow. Finally, this has as one of the objectives to build, together with the teachers, an educational product in the form of a didactic guide, in order to contribute to the teaching of the students of the Preschool EMEIEF Pluridocente "Barra de Marobá", in Presidente Kennedy/ES, within the context of storytelling.

Keywords: Early Childhood Education; School Practices; Teaching; Storytelling.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 1.1 O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA..... | 8 |
| 1.2 PROBLEMA..... | 9 |
| 1.3 OBJETIVOS E O CAMINHAR DA PESQUISA..... | 10 |
| 1.4 OBJETIVO GERAL..... | 11 |
| 1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... | 12 |
| 1.6 JUSTIFICATIVA | 12 |
| 1.7 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO..... | 13 |
| 2 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA..... | 15 |
| 3 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 23 |
| 3.1 SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 24 |
| 3.2 A PRÉ-ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 30 |
| 3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A PRÉ-ESCOLA..... | 36 |
| 3.4 A IMPORTANCIA DO LÚDICO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA..... | 41 |
| 3.5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO..... | 45 |
| 3.6 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA DO PROFESSOR: O QUE ELES DEVEM CONTAR PARA AS CRIANÇA? | 46 |
| 3.7 CONTOS DE FADAS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 51 |
| 4 METODOLOGIA | 53 |
| 4.1 A PESQUISA..... | 53 |
| 4.2 O AMBIENTE DA PESQUISA..... | 42 |
| 4.2.1 A escola EMEIEF Pluridocente Barra de Marobá..... | 56 |
| 4.3 SUJEITOS DA PESQUISA..... | 57 |
| 4.4 CONCRETIZAÇÃO DA PESQUISA..... | 58 |
| 4.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS..... | 58 |
| 5 DIÁLOGOS POSSÍVEIS..... | 60 |
| 6 PRODUTO EDUCACIONAL..... | 69 |
| 6.1 ORGANIZACAO DO PRODUTO EDUCACIONAL..... | 73 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 74 |
| REFERÊNCIAS..... | 76 |
| APÊNDICES | 80 |

| | |
|---|------------|
| APÊNDICE A – ROTEIRO PARA RODA DE CONVERSA..... | 80 |
| APÊNDICE B - PRODUTO EDUCACIONAL..... | 83 |
| ANEXOS..... | 111 |
| ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..... | 111 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 O COMEÇO DE UMA HISTÓRIA

A contação de histórias sempre fez parte da minha¹ história de vida pessoal e da acadêmica também. Recordo-me, com muito carinho, que ainda criança gostava muito de ouvir os contos de fada; Rapunzel, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho entre outros, lidos e contados por minha irmã. Por ela ser a mais velha, de cinco meninas, foi uma das primeiras a ser alfabetizada e era a única de nós que sabia ler. Tais lembranças estão vivas em minha memória. Ela adorava ler livros de histórias, antes de dormirmos, era maravilhoso! Eu, particularmente, amava ouvir. Com o passar dos anos, essas histórias foram também um instrumento que me ajudou a me transformar em uma pessoa alfabetizada, porque quando ela não podia ler conosco, através das figuras dos livros retratados nas histórias, eu tentava interpretar o que estava escrito junto àquelas belas imagens.

Quando adulta, embora com muito prazer em fazer leituras, percebi que sentia muitas dúvidas em relação ao que fazer, o que estudar, qual faculdade, continuar os estudos. Apesar de gostar muito de matemática, foi na magia da educação infantil, com um olhar de encantamento pela a contação de histórias, que me apeguei. Estava aqui algo do passado tão prazeroso, vivo em minha memória a oportunidade de continuar a estudar e seguir em frente.

De alguma forma tinha que decidir, porque precisava continuar os estudos para melhorar as condições financeiras e também aprimorar meus conhecimentos enquanto professora alfabetizadora.

Decidi ingressar na faculdade de Licenciatura em Pedagogia, oportunidade de se estudar sobre contação de história, algo que desde criança muito me chamara atenção. No planejamento de aulas para a Educação Infantil, percebi o quanto gostava de contação de história, porém meu encantamento tornou-se maior ao ver o quanto as crianças também se interessam pela temática. Nos anos de 2018 e 2019, tive a oportunidade de acompanhar uma turma de Pré-I de escola pertencente à Educação do Campo no município de Presidente Kennedy, percebi que durante a rotina de aulas as crianças gostavam de ouvir histórias, de narrar as suas, experiências e, da mesma

¹ Optamos por escrever a parte inicial da introdução na primeira pessoa do singular, por conter a trajetória pessoal da pesquisadora, em formato de memorial.

forma, serem ouvidas. Sentavam em suas cadeirinhas, soltavam sua imaginação, contavam histórias para a professora, para os colegas, do jeitinho que sabiam falar e demonstrar.

Durante estes anos que lá estive, observei que quando se aplicava a tal parte do planejamento de aulas, em que se costumava chamar “Hora da Historinha” era um dos momentos mais alegres, não somente para mim, como professora, mas também para as crianças.

Hoje, com essas memórias, afirmo que as crianças fazem parte do meu cotidiano e a contação de histórias é uma atividade lúdica que está nos entremeios dos meus planejamentos e da minha prática.

Em casa não é diferente, como mãe de uma criança na idade de alfabetização, sigo a contar histórias para minha filha. Percebo seu desenvolvimento educacional aumentar através das histórias que ela ouve, quando se oportuniza abrir as portas da imaginação, pois estimula o desenvolvimento cognitivo, a oralidade e a comunicação.

Ingressar no Programa de Mestrado foi outro momento importante. Com a trajetória vivenciada na Pré-escola, foi no Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário Vale do Cricaré que tive a oportunidade de pensar sobre a importância da contação de histórias para crianças e buscar compreender as melhores formas de utilizá-la para contribuir com o ensino na pré-escola.

Na a pesquisa, busquei pensar em colaborar com professores que não tivessem a oportunidade de perceber a importância da contação de histórias nesta fase infantil. Procurei, de certa forma, olhar com cuidado as dificuldades que os adultos possuem para entrar no mundo da imaginação, algo normal em minha vida, enquanto mãe e professora. É gratificante ver todo o encantamento das crianças através das histórias contadas a elas, quando ouvem, apreciam, imaginam e aprendem.

1.2 PROBLEMA

Ensejamos responder ao seguinte questionamento através desta pesquisa: Como a contação de histórias pode contribuir para o ensino das crianças da Pré-escola?

1.3 OBJETIVOS E O CAMINHAR DA PESQUISA

Trabalhar com crianças da Educação Infantil proporciona satisfação, nos momentos que envolvem o cuidado e o ato de educar.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica² (2013) preconizam que esta fase relacionada à Educação Infantil, a primeira etapa da Educação Básica, e atende crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, requer mais atenção e cuidados em relação às demais etapas. A oportunidade de trabalhar com a Educação Infantil, possibilita ter um olhar voltado para o desenvolvimento de crianças que surpreendem, a cada momento, despertam para as coisas do mundo e possibilitam que busquem conhecer a si mesmas.

Dessa forma, o plano de trabalho foi traçado baseado nas necessidades das crianças da pré-escola, pensar em seu perfil de aprendizagem, refletir sobre as contribuições da contação de histórias como recurso pedagógico para as práticas escolares da pré-escola, no município de Presidente Kennedy-ES, na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”.

A metodologia utilizada está pautada na pesquisa bibliográfica para compreender a influência que a contação de histórias pode ter no ensino, através de um estudo de caso de cunho qualitativo, com entrevistas, que possibilitaram compreender como as professoras da Educação Infantil utilizam a contação de histórias em suas práticas escolares, pois tivemos como suporte teórico os autores e os documentos nacionais da educação para um diálogo com as práticas escolares. A análise dos resultados que foram obtidos com a pesquisa foi baseada na análise de conteúdo de Bardin (2011), que conferiu a interpretação dos significados.

As referências que serviram de base para este trabalho descrevem a Educação Infantil, suas peculiaridades para compreender esta etapa da educação relacionada ao aprendizado escolar, voltada à formação da criança enquanto cidadã. Para isso, as Diretrizes, os Referenciais Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular³

² Brasil. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010

³ BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. (2017)

trazem informações necessárias para colaborar no processo de aprendizagem por serem documentos que norteiam a educação básica no país.

Ainda nas referências, na pesquisa, buscamos conceituar e compreender como acontece o aprendizado das crianças. Para isso, Piaget (2005) contempla este termo, para entender a importância das experiências e vivências de onde o ser humano tira informações para sua construção mental.

O lúdico⁴, visto como a chave para acessar o imaginário infantil, pode promover experiências com valor educacional, através das práticas escolares. Dessa forma, a contação de histórias ganha força sob a ótica de Bedran (2012), Sisto (2012), Matos (2014) e Gontijo (2001) que fornecem uma gama de informações desde a preparação para se contar uma história até o mundo da imaginação. O aprendizado que este recurso pode proporcionar, os autores buscam trazer em forma de conteúdo dinâmico e prazeroso, como se estivesse a ouvir uma história.

Foi necessário buscar referências de práticas escolares voltadas para a contação de histórias, pois foi possível trazer para este trabalho um enriquecimento nos planejamentos das práticas que aqui são utilizadas com a finalidade de atingir os objetivos propostos, o que foi realizado paralelamente aos momentos da pesquisa.

Assim, para uma discussão mais concreta, foi necessário um estudo de caso para adentrar na realidade do planejamento das professoras da pré-escola do município de Presidente Kennedy, em busca de diálogos, no que tange à aprendizagem de crianças da pré-escola e a utilização da contação de histórias nas práticas das professoras.

1.4 OBJETIVO GERAL

Compreender como a contação de história pode contribuir para o ensino dos alunos da Pré-escola da EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”, no município de Presidente Kennedy.

⁴ Para Benedet (2011) o lúdico está inserido no contexto da ludicidade o faz de conta, onde apresenta em seu texto este recurso voltado pra a Educação Infantil, pois para ele é um elemento abraçado pelas fantasias e imaginação que “se integram com os materiais símbolos das crianças”, pois o autor entende que a ludicidade está na totalidade do indivíduo e nas várias formas de suas ações sobre a atividade que vivenciam (BENEDET 2011, p. 23).

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos foram delimitados com o intuito de abranger mais particularidades da pesquisa e ter o caminho traçado com mais detalhes. São eles:

- Verificar como os professores da EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá” utilizam a contação de histórias em suas práticas escolares;
- Compreender as diferentes práticas pedagógicas utilizadas pelos professores que utilizam a contação de histórias como recurso para o desenvolvimento do aprendizado.
- Elaborar juntos aos professores um produto educacional em forma de um guia didático que objetive contribuir com as práticas pedagógicas, apontadas por eles, relacionadas à contação de histórias, a fim de colaborar com o ensino e aprendizagem dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”.

1.6 JUSTIFICATIVA

Por ser a Educação Infantil⁵ a primeira etapa da Educação Básica, onde o lúdico está presente no cotidiano, este trabalho se justificou pela necessidade de compreender o universo infantil, no que tange ao seu aprendizado. Na Educação Infantil, no município de Presidente Kennedy, as contribuições em relação ao lúdico se encontram presentes na contação de histórias, nas atividades práticas com as crianças e no dialogar com a realidade educacional do município. Está presente também em nosso desejo de aperfeiçoamento enquanto professora da Pré-escola, em que visamos ampliar as habilidades e percepções, no que se refere a potencializar a aprendizagem das crianças.

A pesquisa também se justificou pelo fato de que, como Educadora da Pré-escola⁶ de um Centro Municipal de Educação Infantil, ao observarmos as rotinas da sala de aula das crianças, foi perceptível o interesse delas em ouvir as histórias, assim como contá-las. Pois há interação, nesses momentos ricos, em que o professor pode

⁵ Considerada como a primeira etapa da Educação Básica de acordo com as **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil** (BRASIL 2013).

⁶ A **Pré-escola** é o último grupo da Educação Infantil antes de a criança entrar para o Ensino Fundamental, que atende crianças com 4 anos à 5 anos e onze meses de idade e apresenta as características educacionais relacionadas à faixa etária (BRASIL 2017).

aproveitar para trabalhar a afetividade, a autoestima entre outros conhecimentos que cada história pode trazer e proporcionar para outras atividades, inclusive voltadas para a alfabetização.

Conforme menciona a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), o professor como mediador de conhecimentos busca proporcionar experiências pautadas em novas experimentações para estimular o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, o uso da contação de histórias, pela variedade de temas somados a textos pode permitir a ampliação do repertório de experiências para a sala de aula e fora dela. Além disso, proporciona à criança o contato com diferentes livros, pois a coloca num denominado universo de histórias e de diferentes textos.

A relevância desta pesquisa, pautada nas contribuições para o ensino das crianças da pré-escola, tornar-se imprescindível para outros profissionais da Educação do município de Presidente Kennedy, em suas práticas na sala de aula, como contribuições em seus fazeres pedagógicos.

1.7 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A estrutura deste trabalho apresenta uma organização em capítulos, para uma melhor compreensão da pesquisa.

A primeira etapa abrange a introdução composta pelo memorial, o caminho a ser percorrido, inclui os objetivos, a problemática e as justificativas aqui propostas.

Já o primeiro capítulo abrange o aporte teórico, dividido em seções, que traz as considerações relevantes sobre a Educação Infantil, o lúdico, o desenvolvimento da criança e a contação de histórias na prática do professor, onde o primeiro item, deste capítulo, traz uma análise e descrição de algumas produções acadêmicas nos anos recentes, com o que essas produções proporcionam quanto à utilização da contação de histórias como recurso para o ensino na Pré-escola.

O segundo capítulo apresenta procedimentos metodológicos que traçaram o rumo da pesquisa, com os detalhes que envolveram a produção de dados, o contexto da pesquisa, os sujeitos, a organização e, por fim, como foi realizada a análise dos dados coletados.

O terceiro capítulo se refere ao levantamento de todos os dados produzidos, prepara a elaboração dos relatórios, os possíveis diálogos com o referencial teórico.

O quarto descreve os diálogos possíveis, ou seja, o resultado das rodas de

conversa, para dialogar com o aporte teórico aqui expresso e para constituir o discurso que apresenta o resultado da análise de como a contação de histórias pode contribuir para o ensino dos alunos da Pré-escola da EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”, na realidade do município de Presidente Kennedy-ES.

O quinto capítulo apresenta o produto educacional, que foi construído junto aos professores em forma de um guia didático que tem como objetivo contribuir com professores em suas práticas em relação a contação de histórias no ensino dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá” e, por fim, no sexto capítulo são apresentadas as considerações finais da pesquisa.

2 DIÁLOGO COM AS PESQUISAS DA ÁREA

Para iniciar a pesquisa e pensar na composição do referencial teórico com diferentes autores, iniciou-se com um diálogo onde se buscou outras referências na literatura que trazem o contexto da contação de histórias na Educação Infantil. Priorizou-se pesquisas que trabalharam diferentes forma de contação de histórias como recurso na Educação Infantil nos períodos entre 2011 a 2019. Através de um levantamento no banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações, na plataforma CAPES, buscou-se selecionar temas e resumos de produções acadêmicas que aproximam, de alguma forma, do nosso objetivo de pesquisa.

Mediante tal levantamento das produções acadêmicas, selecionamos oito trabalhos acadêmicos que possuem aproximações com a temática pesquisada e que de alguma forma têm muito a contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa.

| AUTOR | ANO | TÍTULO | INSTITUIÇÃO |
|------------------|--------|---|---|
| Cardoso | (2016) | A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação | FAC - São Roque |
| Rodrigues | (2012) | Leitura Mediada com Enfoque Sociocognitivo: Avaliação de uma Pesquisa-Intervenção. | Universidade Federal de Juiz de Fora, MG |
| Santana | (2018) | A importância da contação de histórias na Educação Infantil | Faculdade Nossa Senhora Aparecida, FANAP. Goiás |
| Souza; Francisco | (2017) | Contação de histórias: um recurso pedagógico no desenvolvimento da linguagem. | Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE, Presidente Prudente, SP |
| Souza; Straub | (2014) | A arte de contar histórias na Educação Infantil | Revista Eventos Pedagógicos. v.5, n.2 (11ª. ed.) |
| Vitor; Korbes | (2011) | A contação de histórias na Educação Infantil. | Revista Eventos Pedagógicos. v. 2, n. 1 (2. ed. rev) |
| Silva | (2019) | A contação de histórias da Educação Infantil | IV |
| Souza: Oliveira | (2019) | Breve análise da contribuição da contação de história na Educação Infantil sob a visão do professor | anais/ Congresso Nacional de Educação |

Cardoso (2016) mostra a importância da contação de histórias nessa fase e apresenta propostas para a sala de aula, menciona que a oralidade está presente em todos os momentos da sala de aula, o que proporciona uma significativa contribuição para a interação e as relações com outras crianças e adultos. Nesse sentido, a autora

defende que a contação de histórias proporciona que a criança navegue por outros mundos através da sua imaginação, assimile e compreenda o mundo e a realidade que a cerca, com possibilidades de ampliar seu vocabulário, desenvolver o gosto pelos livros e pela leitura. Para Cardoso (2016), o professor deve ser o mediador, instigar e proporcionar momentos e reflexões através de uma boa seleção de textos, prezar sempre pela imaginação das crianças. A autora ainda se refere à importância da preparação para contar a história, que enriquece o momento e permite pensar em outras possibilidades como utilizar música, atividades com desenho, dramatizações, entre outros recursos que podem ser unidos à contação de histórias na sala de aula.

Rodrigues (2012) faz descobertas em suas pesquisas, onde percebe que é necessário que os livros de histórias precisem ser vistos com mais valor e reconhecimento, aborda que a leitura mediada é uma forma de que professor/aluno façam relação com seus conhecimentos pré-concebidos em uma construção educacional, ao compartilhar e ao promover sentidos da realidade. A autora também ressalta a importância da ampliação do vocabulário das crianças e da possibilidade de dar novos sentidos aos conhecimentos, a partir de uma intervenção feita em sala de aula. Pode perceber também que os professores tiveram um aumento no vocabulário, no que diz respeito aos conceitos relacionados às aprendizagens das crianças ao ter um novo olhar sobre as potencialidades das mesmas, assim como ter um novo olhar sobre a leitura mediada.

Santana (2018) traz considerações no mesmo sentido da presente pesquisa, onde a contação de histórias pode ser muito aproveitada pelo professor e utilizada como um rico instrumento nas práticas para a Educação Infantil. A autora diz que não busca por práticas que objetivam o desenvolvimento da criança da Educação Infantil, a contação de histórias pode ser muito utilizada como recurso nas atividades, pela diversidade de possibilidades que professor pode explorar, mas não deve ser usada como única forma de ensino, mas complementar as práticas escolares. Na mesma linha de pensamento dos outros autores, Santana (2018) vê a contação de histórias como uma forma da criança acessar o mundo da imaginação, para liberar seu pensamento, o que para a autora é onde a criança começa a fazer questionamentos, a duvidar e, conseqüentemente, a produzir novos conhecimentos. A autora traz o conceito importante, no que se refere à contação de histórias, que é o conceito de Literatura, que quer dizer, segundo ela,

[...] é uma manifestação artística que utiliza a palavra como instrumento, que tem como objetivo o entretenimento do leitor, apresenta a função poética de linguagem, ou seja, quem escreve está preocupado com a construção dos sentidos das palavras, pois cada uma pode passar um significado importante, além de refletir a cultura vivida em determinada época (SANTANA, 2018, p. 08).

A autora diz ainda que a obra literária pode ser considerada literária, quando o texto tem o objetivo de entreter o leitor e são escritas conforme a imaginação de quem cria, sem compromissos com a realidade, mas com o mundo imaginário e com a criatividade.

Historicamente, Santana (2018) diz que a literatura infantil se iniciou no século XVII, pois, segundo ela, não havia textos voltados para as crianças e quando começou, apenas as crianças de famílias nobres tinham acesso. Mas quando se iniciam preocupações na formação da criança, como forma de preparar para a vida adulta, começou a aparecer textos voltados para os pequenos, momento em que a infância começa a ser valorizada. A autora ressalta ainda que Monteiro Lobato deu início à literatura infantil brasileira, onde explorou a imaginação e folclore, com textos adequados às crianças.

Santana (2018) reforça ainda a importância do diálogo que o professor, enquanto mediador pode promover conforme a história e a atividade proposta em momentos de escuta da criança para expor suas percepções. Segundo ela, esse diálogo potencializa a imaginação, a oralidade e a comunicação, traz possibilidade de formar as próprias opiniões e que além de desenvolver as habilidades já existentes, colabora para desenvolver novas habilidades, trabalha as emoções provocadas com a contação de histórias como sentimento de tristeza, de medo, bem-estar, dúvida, irritação, dentre outros. Assim, a autora entende que o professor deve ter em mente a história adequada à cada faixa etária para um melhor proveito do momento de contação, um momento de dedicação por parte do professor que deve escolher e se preparar para contar, assim como unir a história à prática que deseja planejar.

Souza e Francisco (2017) discutem a importância da contação de histórias, com o uso de estratégias para utilizá-la como possibilidades de desenvolvimento de práticas pedagógicas diversificadas, criativas e estimulantes. Para os autores, contar histórias pode favorecer na formação da personalidade da criança, ao potencializando a aprendizagem e ao desenvolver várias outras habilidades, pelo fato da história servir de alimento para a imaginação.

Diante das histórias serem previstas nos documentos que regem a educação como um recurso importante nas práticas escolares, Souza e Francisco (2017) dizem que muitos professores não utilizam pelo fato de desconhecerem a importância de trabalhar as histórias na Educação Infantil e o quanto elas podem contribuir para o desenvolvimento do ensino. Pois para eles não ensina apenas a ler e escrever, mas serve para educar, instruir, socializar desenvolver a sensibilidade e inteligência.

Ao apresentar estratégias para contar histórias, Souza e Francisco (2017) abordam que é imprescindível a presença de elementos que diferenciem o lugar, um local organizado de forma a facilitar o envolvimento e a entrada das crianças no mundo da imaginação, assim como trazer um envolvimento ao contar. Pois muitos professores se limitam a ler o livro para a criança. Não que o livro não deva estar presente, mas criar um clima para contar uma história, pode proporcionar melhores resultados e atrai as crianças para entrarem no mundo da imaginação. Para os autores,

Ser contador e ouvinte de histórias remete a essa maravilhosa e prazerosa prática da oralidade, proporcionando a quem ouve uma oportunidade envolvente para desenvolver e enriquecer a imaginação, o vocabulário e vivenciar experiências. Na formação de uma criança, ouvir histórias é o primeiro passo da aprendizagem para se tornar um leitor, e sendo leitor irá ter um caminho infinito de descobertas e compreensão do mundo. O orador irá trabalhar a linguagem oral, possibilitando caminhos para que aprendamos a falar, ler e escrever e também a pensar melhor (SOUZA; FRANCISCO, 2017, p. 50).

Em uma pesquisa com crianças de 04 anos, Souza e Straub (2014) observam o momento em que as professoras contam histórias para os alunos e como eles reagem, entendem que “a leitura de histórias para criança é fundamental para que a mesma possa apropriar-se de um imaginário social, enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação” (SOUZA; STRAUB, 2014, p. 123).

As autoras discorrem que o momento de contar histórias é um momento que estimula a curiosidade das crianças. Elas mencionam que a produção brasileira de Literatura Infantil e infanto-juvenil é recente, apenas a partir da década de 70, do século XX, é que iniciou o desenvolvimento de autores e editoras que investissem nessas produções.

A leitura de histórias para criança é fundamental para que a mesma possa apropriar-se de um imaginário social, enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação. A vivência desde muito cedo com livros, leituras faz com que a criança tome deste exercício de leitura como parte da sua rotina, tornando-se um adulto crítico, um adulto que saiba interpretar um

texto corretamente e com um vocabulário amplo (SOUZA; STRAUB, 2014, p. 123).

Para Souza e Straub (2014), o prazer que a criança sente vai além do ouvir as histórias, pois auxilia na construção de ideias e valores. Nesse sentido, entendem que o educador deve ter uma postura ativa para tirar melhor proveito do que conta, pois trabalha também as emoções, desde que o contador esteja preparado para contar para não correr o risco de ter que fazer improvisações e quebrar o clima que a criança cria ao mergulhar na história.

Os livros adequados a esta fase, são os que abordam o cotidiano familiar à criança, com textos em letras caixa alta, os quais são lidos e dramatizados por adultos, com a intenção de que a criança perceba a inter-relação entre o mundo real e o mundo da palavra. Interessante também ter muita ilustração para que a criança mesmo não sabendo ler possa acompanhar o desenvolvimento da história. Também é importante que os livros estejam disponibilizados ao alcance das crianças. A técnica de repetição é das mais favoráveis para conquistar e manter a atenção e o interesse do pré-leitor, pois na primeira vez que a história é contada para a criança tudo é novidade. A partir da segunda vez as crianças já sabem o que irá acontecer, então elas procuraram detalhes da história, assim como acontece com os adultos em um bom livro ou em um belo filme (SOUZA; STRAUB, 2014, p. 125).

Dessa forma, Souza e Straub (2014) entendem que é importante a preparação do local e do clima para a história, assim como utilizar diferentes materiais como fantoches e acessórios, permitir também que as crianças sejam personagens no momento da contação, pois proporcionam interações, estimulam a criatividade, a imaginação e o pensar, pois enriquecem o momento do aprendizado. Assim, as autoras entendem, a partir de suas pesquisas, que na contação de histórias, pode ocorrer a aproximação das crianças com a professora, criar confiança para se expressarem e opinarem sobre a história, pois na interação ela saberá que, se não conseguirem se expressar, receberão ajuda da professora. Pois para Souza e Straub (2014), o fato de a criança ter o contato com a leitura, através dos momentos lúdicos e interativos da contação de histórias, não terá monotonia nesse momento e não fará relação da leitura como uma obrigação.

Ao entender que uma história tem papel fundamental para aumentar a criatividade da criança, Vitor e Korbes (2011), investigam o uso da contação histórias em uma creche. Sua pesquisa foi através de observação e coleta de dados juntamente com professoras da Educação Infantil. O foco foi crianças de 5 a 6 anos, com vistas ao desenvolvimento da aprendizagem da criança através da contação de história infantil. Ao perceber que as crianças gostam muito de histórias e através delas

acessam sua imaginação, conseguem compreender o mundo que está ao seu redor, entendem que a leitura pode ser usada como importante ferramenta na formação da criança desde cedo. Nesse sentido, vê a contação de histórias na Educação Infantil como uma ferramenta rica que deve ser valorizada por contribuir em vários aspectos do desenvolvimento no processo de aprendizagem.

A história infantil é uma ferramenta que não deve ser excluída do cotidiano das crianças, pois ela contribui para o seu desenvolvimento. Mas Durante a narrativa é importante que o professor vivencie a história dramatizando, buscando e utilizando meios e maneiras de contar proporcionando a criança aprendizagem, é favorável para criança que o professor durante a contação dar subsídios para a criança ter a oportunidade de imaginar sua história (VITOR; KORBES, 2011, p. 3).

Assim, para a autora, a contação de histórias traz momentos de humor à sala de aula, por ser ela o início da aprendizagem para criança se tornar um leitor. para que isso aconteça entendi que a mediação do professor é muito importante para que a criança vivencie sentimentos e emoções que são passadas através dos personagens e do clima da história. Além disso, Vitor e Korbes (2011) entendem que a história que foi contada possibilita à criança fazer associações com a sua realidade. O Despertar Dos sentimentos e Emoções durante a contação de histórias é comprovada em sua pesquisa através do questionário que fez com as professoras, pois nesse sentido a autora entende que é ampliado o repertório oral das crianças, pelo fato de depois recriarem as histórias. O Retorno das professoras foi positivo nesse sentido, pois entendem que é um instrumento que pode ser facilitador no ensino e no desenvolvimento cognitivo das crianças, já que é uma situação que gera interesse nas crianças até mesmo em participar e preparar o momento da construção de história, o que também pode ser observado nos momentos em que esteve em sala de aula.

Assim, a autora entende que o trabalho de contação de história contribui para estimular a imaginação, a curiosidade e a fantasia das crianças. No entanto, o professor, que é o mediador nesse contexto, pode criar e utilizar recursos para instigar a participarem desse momento e interagirem.

Silva (2019) apresenta técnicas de ensino como instrumentos metodológicos para a contação de histórias na Educação Infantil e explana a importância que se deve dar à ao ato de contar histórias, por ser considerada uma arte, nesse sentido a autora diz que “contar histórias é saber criar um ambiente de encantamento, suspense,

surpresa e emoção, no qual o enredo e os personagens ganham vida” (SILVA, 2019, p. 3).

A autora trata a contação de história como relevância no processo de ensino das crianças, onde os professores, quando tomam consciência do uso desse recurso em sala de aula, possibilitam que por meio da escuta de histórias tenham acesso ao mundo letrado e adentrem por ele através da ludicidade. Por isso, Silva (2019) reconhece que o professor deve estar preparado antecipadamente, deve conhecer a história, preparar o local e adereços que permitam à criança acessar o imaginário. Dessa forma, ela também expõe que é importante uma prévia da história, assim como depois de contar, abordar alguns detalhes, provoca a interação das crianças, por ser este o motivo do professor não apenas se limitar ao livro da história, mas poder utilizar uma abundância de técnicas e recurso conforme o clima da história, como por exemplo, ela cita que pode ser contada na sala de aula, no pátio, na biblioteca, usar sons ou ainda apresentações em slides e fantoches. Para ela,

Os requisitos para que o contador tenha sucesso no envolvimento no ato de contar a história são: estudar a história, ter domínio completo sobre ela, sentir a história, falar com voz clara e agradável, expressar as emoções sobre o que trata a história através de gestos, mímicas, caretas, etc. (SILVA, 2019, p. 5).

Nessa perspectiva, o professor enquanto mediador tem uma vasta literatura para escolher uma história, mas diante de tantas técnicas, Silva (2019) entende que o livro não deve ser desprezado, deve sim ser utilizado, pois ela menciona que este recurso é histórico, o que é importante a criança ter acesso a ele, mas que as técnicas enriquecem a contação de histórias. A autora ainda conclui que ouvir história deve fazer parte do cotidiano, nas atividades diárias da Educação Infantil.

Assim como Silva (2019), Souza e Oliveira (2019) abordam também a contação de histórias na Educação Infantil. Esses autores apresentaram seus trabalhos no VI Congresso Nacional de Educação no ano de 2019. Mas Souza e Oliveira (2019) fazem uma abordagem a partir da ótica do professor que o estuda e utiliza tal prática. Para a autora a contação de histórias agrada tanto professores quanto alunos, por trabalhar de forma lúdica, interativa e interpretativa, pois permite abordar diversas temáticas nas práticas da sala de aula. Para ela, a contação de histórias não deve ser vista apenas como um momento de entretenimento, mas como valioso recurso para desenvolver o aprendizado da criança, principalmente no que diz respeito à formação da criança enquanto futuro leitor.

Souza e Oliveira (2019) expressam que ouvir a história estimula a imaginação e trabalha o desenvolvimento de várias habilidades cognitivas, “além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (SOUZA; OLIVEIRA, 2019, p. 3).

Nesse sentido, as autoras acreditam na contação de história como um recurso para que a criança acesse o lúdico e se sinta estimulada, para desenvolver sua expressão, o que permite desenvolver também seu conhecimento sobre o mundo.

Elas mencionam que através do lúdico, no momento da contação de histórias, o professor tem a possibilidade de trabalhar os campos de experiências previstos na Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, que trabalha habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças podem e devem desenvolver de 0 a 5 anos de idade.

Ao entender a contação de histórias como uma forma de aproximação da literatura, Souza e Oliveira (2019) discorrem que a narração das histórias deve ser de acordo com a faixa etária da criança para que esta consiga acompanhar e compreender o ritmo da história. As autoras deixam claro a importância de se ter o acesso a literatura na Educação Infantil, pois no Ensino Fundamental é quando a criança aprende a ler com efetividade, momento em que a leitura é vista com maior relevância. Souza e Oliveira (2019) se referem à contação de histórias na Educação Infantil, como um caminho propício para um futuro aluno do Ensino Fundamental com predisposição à leitura de forma prazerosa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao delimitar a pesquisa, faz-se necessário compreendermos as particularidades da Educação Infantil e seu contexto histórico, especificamente na fase da pré-escola, onde os documentos nacionais, como as Diretrizes, os Referenciais Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular podem colaborar de forma a abranger os conhecimentos que circundam esta fase recheada de aprendizados, faz-de-conta, curiosidades, brincadeiras e experiências permitem às crianças, através da interação com adultos e outros infantes construir sua visão de mundo em uma de aprendizado com o tempo e o espaço proporcionado pelo profissional da educação, que é o professor. Este, por sua vez, pode proporcionar condições para que as crianças explorem a relação com o mundo e se apropriem de conhecimentos, pois as prepara ainda pequenas, como cidadãs sócio, histórica e cultural, em um processo de valorização da identidade de cada uma.

Assim, este capítulo é dividido em subcapítulos, com o primeiro a contemplar os conhecimentos relacionados à primeira etapa da Educação que é a Educação Infantil e suas particularidades dentro do que rezam os documentos nacionais, no trabalho diante dos eixos que norteiam esta etapa que são as brincadeiras e as interações.

O segundo subcapítulo diz respeito especificamente à pré-escola que, na divisão dos grupos da Educação Infantil, na BNCC, este é o último grupo antes da criança ingressar no Ensino Fundamental, com 4 a 5 anos e onze meses de idade e apresenta as características educacionais relacionadas.

Com relação ao trabalho do professor, o terceiro subcapítulo aborda sobre o que diz a BNCC, relacionada à pré-escola, aponta a contação de histórias como recurso de atividades para ampliação das práticas escolares e articula com o norteamento desde documento. Este subcapítulo fala da BNCC como o documento mais atualizado que norteia o trabalho das práticas educacionais que o professor prepara para sua turma. Ela é estruturada de forma a atender às especificidades por idade e, no que diz respeito à pré-escola, aborda os objetivos voltados para as crianças deste grupo, divididos em cada Campo de Experiências. Assim, é abordado aqui o que se refere ao ato de contar histórias, mas este recurso pode trazer outras possibilidades de outras práticas contextualizadas que possam atingir tantos objetivos quando o professor necessite.

Ao falar da Pré-escola, é importante frisar a ludicidade que permeia nas práticas escolares, portanto, este subcapítulo se refere ao lúdico por meio da contação de histórias, ao abordar Piaget (2005) com sua teoria relacionada ao desenvolvimento da criança, onde, por idade, traça cada fase do desenvolvimento, com importantes contribuições para a compreensão da criança na fase pré-escola. Assim, podemos pensar em potencializar o desenvolvimento da criança através da prática de contação de histórias, ao saber o que é propício para a pré-escola.

Ao se tratar da contação de histórias e o desenvolvimento da criança, o último subcapítulo discorre sobre a prática do professor com a utilização deste importante recurso que traz outras possibilidades para trabalhar o seu desenvolvimento na pré-escola. Nesse sentido, é importante compreender o que contar para as crianças nessa faixa etária especificamente, alguns autores colaboram com conhecimentos relacionados que possam gerar interesse para as crianças, mais especificamente da pré-escola.

3.1 SOBRE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao saber que a Educação Infantil atende a crianças, é pertinente compreender o conceito de criança e infância. Nesse sentido, Philippe Ariès (1981), considerado importante historiador do comportamento humano, traz os primeiros estudos, no que diz respeito ao conceito da infância. Ao estudar a relação dessa fase diante da sociedade entre os séculos XII ao XVII, período em que a criança era vista como ser produtivo e utilitário, o autor aponta que eram vistas como adultos em miniaturas e que aos 7 anos já trabalhavam. Aponta ainda que a fase da infância não tinha importância alguma, por isso era comum o infanticídio e o abandono. Percebemos que a infância era bem diferente de como conhecemos hoje, pois Ariès (1981) deixa claro em seus estudos que era comum também entregar a criança a um convento, a uma ama de leite ou outra família que tivesse interesse. Para o autor,

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante para que se tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade.

Contudo, um sentimento superficial da criança – a que chamei de “paparicação” – era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com a criança pequena como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança

logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato (ARIÈS, 1981, p.10).

Para Ariès (1981), a infância não é algo particular de cada um, mas característico de uma sociedade. Em suas pesquisas, descobre que não há registros a qualquer situação sobre as crianças, como se não tivessem existido e que possivelmente a infância não era representada.

A mudança começa a acontecer através da figura da parteira, como diz Ariès (1991), em que a partir dos poderes públicos, a parteira “teria a missão de proteger a criança, em que os pais, melhores informados pelos reformadores, tornados mais sensíveis à morte, se tornariam mais vigilantes e desejariam conservar seus filhos” (ARIÈS, 1981, p. 18).

Ariès (1981) deixa claro que a partir do século XV e século XVI, a sociedade começa a se ocupar do sentimento de infância, que foi sendo construído com o passar do tempo, quando a criança começa a crescer no seio da própria família. Esse sentimento, conforme o autor, sofre resistências da sociedade da época, que faz surgir novo sentimento, que era voltado para o apego e a moral. As crianças começaram então a serem enviadas às instituições protetoras para uma formação baseada nos valores da época, por meio de moralistas e educadores, conforme Ariès (1981), que percebe, em sua pesquisa, uma mudança por causa do advento da sociedade industrial e as crianças passam a ser motivo de preocupações com as famílias.

Ariès (1981) percebe que, a partir do século XVII, as crianças começam a ser vistas nas pinturas e nas obras que retratavam a família e a sociedade da época. Os jogos e as brincadeiras faziam parte da diversão dos adultos, onde a criança é inserida no contexto, pois como era vista com um adulto em miniatura não teria porque reprovar sua participação nos jogos de azar e outros. Já as bonecas e estatuetas, que sempre foram brinquedo de criança, eram voltadas para a religiosidade. O autor comenta que:

Mas no fim do século XVI uma mudança muito mais nítida teve lugar. Certos educadores, que iriam adquirir autoridade e impor definitivamente suas concepções e seus escrúpulos, passaram a não tolerar mais que se desse às crianças livros duvidosos. Nasceu então a ideia de se fornecer às crianças edições expurgadas de clássicos. Essa foi uma etapa muito importante. É dessa época realmente que podemos datar o respeito pela infância. Essa preocupação surgiu na mesma época tanto entre católicos como entre protestantes, na França com na Inglaterra (ARIÈS, 2014, p. 83).

Para conhecer um pouco da história da Educação Infantil no Brasil e chegar à estrutura e ao formato que hoje atende nas escolas, Paschoal e Machado (2009), em seus estudos, trazem o contexto inicial com a formação de creches nos modelos assistencialistas, que amparam as mulheres que começavam a trabalhar fora de casa. Outro fator que as autoras mencionam é o acolhimento das crianças abandonadas, o que gerava um alto índice de mortalidade infantil, devido ao abandono, maus-tratos e falta de higiene, que provocava muitas doenças.

Paschoal e Machado (2009) dizem que, ao final do século XIX, na intenção de combater a mortalidade infantil, no período da abolição da escravidão, uma atenção começa a se voltar para a proteção à infância. No início do século XX, algumas instituições se formam para o atendimento aos infantes. No Rio de Janeiro, segundo as autoras, o médico Arthur Moncorvo Filho se destaca por dar assistências às mulheres grávidas e aos locais que cuidavam das crianças das trabalhadoras de forma precária. O trabalho do médico se estende por todo país e começa a criação de várias instituições, pois,

[...] no Brasil já em meados de 1970, considerava que o atendimento à criança pequena fora do lar possibilitaria a superação das precárias condições sociais a que ela estava sujeita. Era a defesa de uma educação compensatória. Por esse motivo e a fim de superar as deficiências de saúde e nutrição, assim como as deficiências escolares, são oferecidas diferentes propostas no sentido de compensar tais carências. Nessa perspectiva, a pré-escola funcionaria, [...] como mola propulsora da mudança social, uma vez que possibilitaria a democratização das oportunidades educacionais (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 84).

Para Paschoal e Machado (2009), o início do processo de formação industrial no país contribuiu para um aumento no serviço das creches, inclusive mantidas e geradas pelo poder público. As classes mais favorecidas aderiram às creches com serviços particulares, o que logo foi notório, a diferença no contexto do desenvolvimento das crianças, o que proporcionou o processo de regulamentação com base em uma legislação.

Paschoal e Machado (2009) mencionam que até o ano de 1970 ainda não se tinha garantia em nada relacionado ao atendimento às crianças, mas na década de 80, vários setores da sociedade, pesquisadores, organizações não governamentais e a população civil se uniram para sensibilizar os parlamentares sobre a garantia dos direitos da criança à educação. Na Carta Constitucional de 1988 foi incluída a creche e a pré-escola, especificamente no artigo 208, o inciso IV: “[...] O dever do Estado

para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). A partir daí as creches passam a ser consideradas do setor da Educação e não mais da Assistência Social, onde não seria mais apenas priorizado o cuidar, mas também desenvolver um trabalho educacional.

Conforme Paschoal e Machado (2009), dois anos após essa lei, em 1990, é aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/90, onde insere as crianças nos direitos fundamentais do ser humano. As autoras ainda ressaltam que nos anos seguintes foram publicados, pelo Ministério da Educação, documentos que favorecem ao desenvolvimento das crianças, garantem ainda mais seus direitos com ampliação dos serviços educacionais e estabelecem Diretrizes para a Educação Infantil, entre os anos de 1994 a 1996, documentos considerados como “Política Nacional de Educação Infantil”. Assim,

Além da Constituição Federal de 1988, do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990, destaca-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, (BRASIL 1996) que, ao tratar da composição dos níveis escolares, inseriu a educação infantil como primeira etapa da Educação Básica. Essa Lei define que a finalidade da educação infantil é promover o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, complementando a ação da família e da comunidade (PASCHOAL; MACHADO, 2009, p. 86).

Em seguida, em 1998, Paschoal e Machado (2009) citam que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) traça os objetivos voltados para o trabalho na Educação Infantil e traz um norte para o trabalho dos professores, com o intuito de organizar as práticas para o desenvolvimento de várias capacidades como:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;

- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998, p. 63, v. 1).

Nesse sentido, esse documento entende que o trabalho com as crianças não deve ser apenas de brincar, mas de proporcionar interações, brincadeiras, cuidados e aprendizagens, que possibilitem o desenvolvimento das crianças baseado na aceitação, respeito e confiança (BRASIL, 1998, p. 23).

Ao buscar a qualidade de educação, em todos os níveis, o Plano Nacional de Educação é aprovado, em 2001, com metas estabelecidas até o ano de 2010, com a primeira a tratar especificamente da oferta e do atendimento na Educação Infantil (BRASIL, 2001).

Paschoal e Machado (2009) discorrem que o Ministério da Educação tem o ano de 2006 como o da Política Nacional de Educação Infantil, com diretrizes, metas e estratégias para que as práticas pedagógicas levem em consideração todos os saberes produzidos no cotidiano das crianças, onde os municípios devem elaborar seus planos educacionais, dentre outras ações que assegurem uma educação de qualidade para as crianças de creche e pré-escola, para que avancem na produção de conhecimento e frisam a reflexão das práticas educacionais.

Nesse sentido, as autoras deixam claro, a importância da formação continuada dos professores para se adequarem à realidade para promover um padrão de qualidade no ensino das crianças e para que os professores tenham a capacidade de acompanhar as transformações da sociedade. As autoras mencionam que muito ainda há que avançar na Educação Infantil, onde alguns aspectos comprometem o trabalho na sala de aula, como o cansaço físico e mental do professor, excessiva escolarização ou alfabetização precoce e a baixa remuneração que impedem um trabalho de qualidade.

Conhecer o contexto histórico que envolve a Educação Infantil possibilita reflexões acerca das práticas pedagógicas, onde é recente demais a garantia dos direitos educacionais através de movimentos e reivindicações pelos direitos das crianças enquanto cidadãos participantes e atuantes na sociedade, capazes de produzir conhecimentos.

Atualmente, a Educação Infantil compreende a primeira etapa da Educação Básica e é composta por crianças de 0 a 5 anos e 11 meses. Como primeira etapa, é considerada pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) como o início e o fundamento do processo da educação, que deixa claro que “a entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada” (BRASIL, 2017, p. 36).

Esta etapa passa a se integrar à Educação Básica no ano de 1996, com a promulgação da Lei nº 9.394/96, pois está no mesmo patamar do Ensino Fundamental e Médio, conforme menciona a Base Nacional Comum Curricular que, embora reconhecida a faixa etária, somente em 2013 que foi reconhecida a obrigatoriedade da matrícula das crianças de 4 e 5 anos nas escolas de Educação Infantil.

Esta etapa é marcada pelas suas particularidades, que envolvem a criança desde muito pequena. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil entendem criança como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 12).

A partir desse ponto de vista, e nesse mesmo documento norteador, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) tem como eixos estruturantes das práticas pedagógicas, as interações e as brincadeiras, que são momentos de experiências que as crianças se apropriam de conhecimentos, com possibilidades de se desenvolverem. Na atualidade, as práticas para esta etapa têm a Base Nacional Comum Curricular como documento norteador para o planejamento dos professores da atualidade, no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças.

A escola que abraça essa pesquisa é considerada Pluridocente, ou seja, é uma escola do campo que atende alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, de forma multisseriada, ou seja, sala de aula com mais de uma turma e um professor.

Segundo o Conselho Estadual de Educação do Estado do Espírito Santo, diante da Resolução 117/1998,

[...] os estabelecimentos de ensino que oferecem a Educação Básica são assim classificados:

- I - Unidocentes - quando constituídas de uma só classe sob a responsabilidade exclusiva de um professor que assume, também, sua coordenação;
- II - Pluridocentes - quando constituídas por mais de uma classe e mais de um professor, um deles assumindo a responsabilidade pela coordenação da escola (BRASIL, Resolução 117/1998).

São escolas que atendiam ao interior diante da dificuldade de acesso à educação de muitos alunos. Em sua maioria, as escolas unidocente e pluridocente foram fechadas, pois pertenciam ao estado e passaram a pertencer aos municípios, por volta de 1990, diante do que rege a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o Estado inicia o processo de passar as escolas do Ensino Fundamental para responsabilidade dos municípios.

3.2 A PRÉ-ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como esta pesquisa é voltada para a pré-escola, cabe aqui detalhar esta fase, que faz parte da Educação Infantil e é uma preparação para o Ensino Fundamental, daí podemos dizer que há certa complexidade dentro do que envolve as particularidades no trabalho com crianças de 4 a 5 anos e 11 meses. Percebemos que é recente a inclusão da Educação Infantil como parte da Educação Básica no Brasil e sua regulamentação aconteceu apenas em 1996, mesmo que desde 1988, a partir da Constituição, o direito ao atendimento nas creches e pré-escolas já era previsto. A partir desse momento, a pré-escola toma um novo rumo, no que diz respeito às práticas escolares e o olhar voltado diferenciado para cada faixa etária da Educação Infantil, que foi dividida em três grupos: o primeiro que se refere ao atendimento da Creche; o segundo, a Crianças Muito Pequenas e, o terceiro, a Crianças Pequenas conforme podemos observar essa estrutura na Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (2017).

Em 2013, as Diretrizes Nacionais Comuns Curriculares da Educação Básica foram estruturadas, reuniram em uma única publicação as diretrizes e norteamento para o trabalho na educação como um todo, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e as outras modalidades que envolvem a Educação Especial, a Quilombola e outras. Com relação à Educação Infantil, o que inclui também a pré-escola, este documento deixa claro a garantia dos direitos aos estudantes, ele inclui o norteamento para a transição entre as etapas, principalmente da etapa da Educação

Infantil para o ensino fundamental, devem estar “fundamentadas na indissociabilidade dos conceitos referenciais de cuidar e educar” (BRASIL, 2013. p. 9).

Cuidar e educar significa compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana. Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos – crianças, adolescentes, jovens e adultos [...] Educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado de pensar e agir, cuidar de si, do outro, da escola, da natureza, da água, do Planeta. Educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo. Educar com cuidado significa aprender a amar sem dependência, desenvolver a sensibilidade humana na relação de cada um consigo, com o outro e com tudo o que existe, com zelo, ante uma situação que requer cautela em busca da formação humana plena [...] Cuidado é, pois, um princípio que norteia a atitude, o modo prático de realizar-se, de viver e conviver no mundo. Por isso, na escola, o processo educativo não comporta uma atitude parcial, fragmentada, recortada da ação humana, baseada somente numa racionalidade estratégico procedimental (BRASIL, 2013, ps. 8 e 9).

A partir dessa perspectiva, ao entender que a pré-escola atende crianças pequenas, o ato de cuidar e educar exige do professor um olhar mais atento, uma sensibilidade e principalmente o respeito à diversidade e a bagagem de conhecimentos que cada uma traz do meio familiar, pois o docente pode proporcionar experiências múltiplas com vistas a atender ao desenvolvimento da criança, sem se esquecer do meio social em que está inserida. Nesse sentido, essa pesquisa traz as possibilidades relacionadas à contação de histórias, que pode abordar uma variedade grande de temáticas e atividades nas práticas escolares dos professores.

A Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) garante o atendimento gratuito nas creches e nas pré-escolas, proporciona flexibilidade às instituições de ensino de Educação Infantil para trabalharem de forma a garantir a aprendizagem das crianças, no que diz respeito ao fazer pedagógico e a formulação do currículo da instituição. A partir desse momento, com intuito de fortalecer as práticas pedagógicas voltadas para aprendizagem dos alunos, a Educação Infantil passa por diversas transformações para buscar qualidade no atendimento às crianças. As Diretrizes Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010) passam por modificações a cada ano, conforme as necessidades que surgem nas escolas, pois através dos conselhos é possível realizar as mudanças de forma democrática com a participação da escola, alunos, professores e comunidade.

Currículo pode ser definido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2013) como um conjunto de práticas que dinamizado com as experiências e os conhecimentos prévios das crianças, juntamente com os conhecimentos atrelados ao patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos de idade de forma integral. de maneira abrangente as diretrizes mencionam que,

[...] cabe, pois, à escola, diante dessa sua natureza, assumir diferentes papéis, no exercício da sua missão essencial, que é a de construir uma cultura de direitos humanos para preparar cidadãos plenos. A educação destina-se a múltiplos sujeitos e tem como objetivo a troca de saberes⁸, a socialização e o confronto do conhecimento, segundo diferentes abordagens, exercidas por pessoas de diferentes condições físicas, sensoriais, intelectuais e emocionais, classes sociais, crenças, etnias, gêneros, origens, contextos socioculturais, e da cidade, do campo e de aldeias (BRASIL, 2013, p. 25).

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, o RCNEI (1998) é um documento que faz parte dessas mudanças com o intuito de melhorar a qualidade no atendimento à Educação Infantil. Ele engloba possibilidades de trabalho com esta etapa, que serve com um norte para o trabalho dos professores da Educação Infantil. Este documento trouxe uma reflexão significativa para os professores não trabalharem de forma engessada, mas contemplar vários conhecimentos, no que se refere ao desenvolvimento da criança, e flexibilizar as práticas na sala de aula.

Nos últimos quatro anos, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) teve como referência as Diretrizes da Educação Básica (BRASIL, 2013), depois foi estruturada, agora comporta os últimos norteamentos de anos de discussões e reivindicações no âmbito da Educação, que envolve todas as etapas.

O trabalho pedagógico da Educação Infantil tem acompanhamentos de alguns procedimentos para garantir o direito das crianças, no que diz respeito à pré-escola, podemos citar a não retenção dos alunos na Educação Infantil e a continuidade dos processos de aprendizagens para a transição da pré-escola para o Ensino Fundamental, conforme mencionam as Diretrizes Comuns Curriculares da Educação Básica (BRASIL, 2013), que ainda deixam claro que a elaboração curricular deve acontecer de forma que as experiências das crianças, em suas vivências com a família e a comunidade onde vivem, sejam articuladas ao currículo escolar.

A pré-escola tem a duração de dois anos e atende crianças de 4 a 5 anos e 11 meses, onde conhecimentos, valores e atributos sociais devem iniciar nessa fase e ser intensificados no Ensino Fundamental.

Para reforçar o que dizem as Diretrizes (BRASIL, 2013), a BNCC (BRASIL, 2017) aborda e frisa os eixos estruturantes no trabalho com a Educação Infantil, a partir das brincadeiras e as interações com outras crianças e com adultos, fortalecem as aprendizagens e o desenvolvimento infantil. Isso se estende para a pré-escola, pois é considerada como atendimento a crianças pequenas de 4 a 5 anos e 11 meses, onde a concepção de educar e cuidar é indissociado do processo educativo. O propósito da BNCC é que as crianças sejam protagonistas do seu próprio aprendizado. Como forma de acompanhamento de desenvolvimento dos alunos, este documento propõe o portfólio como uma forma de registro da pré-escola, para posteriormente compreender a vida escolar e o desenvolvimento do aluno nesse período. À vista disso, a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, UNDIME (2020), ao traçar os Parâmetros Nacionais da Qualidade da Educação Infantil, considera os princípios orientadores de uma educação de qualidade e diz o seguinte:

Compreender as interações como experiências que oportunizam aprendizagens também implica reconhecer que as crianças não dependem da ação direta do adulto para aprender. Elas aprendem com seus pares, descobrindo coisas que eles já sabem, ensinando a eles coisas que elas já sabem, realizando descobertas compartilhadas e também aprendem na interação com diferentes culturas e grupos sociais e com os objetos e a natureza. Para que o professor oportunize diferentes contextos, nos quais se aprenda por meio de experiências provocadoras de interações de qualidade, é importante que ele reconheça a criança como um sujeito competente para aprender, curioso sobre o mundo, as pessoas, as relações e sobre si mesma e compreenda seu papel de parceiro, mediador e guia das aprendizagens. O professor também deve ficar atento às barreiras presentes que podem impossibilitar a interação e aprendizagem de crianças com deficiência, devendo criar contextos que eliminem ou minimizem tais barreiras (UNDIME, 2020, p. 34).

Portanto, podemos considerar a pré-escola uma etapa muito importante, pois Piaget (2005) a aborda, em suas pesquisas, como uma fase em que a criança passa por adaptações para a formação de seu conhecimento. Nesse sentido, o autor faz uma descrição da evolução da criança e do adolescente, em que diz:

[...] o desenvolvimento mental é uma construção continua, comparável a edificação de um grande prédio que, à medida que se acrescenta algo, ficará mais sólido, ou a montagem de um mecanismo delicado, cujas faces gradativas de ajustamento conduziriam a uma flexibilidade uma mobilidade

de peças tanto maiores quanto mais estável se tornasse o equilíbrio (PIAGET, 2005, p. 14).

A partir do pensamento de Piaget (2005), podemos pensar que quanto mais ricas as atividades preparadas para o desenvolvimento das crianças, mais aprendizado elas terão e melhor preparação para os próximos anos da vida escolar que, no caso da pré-escola, são os anos iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, a preparação do professor faz toda diferença, uma formação continuada pode trazer possibilidades para ele criar e recriar as práticas escolares e proporcionar vivências e experiências próprias para a idade e cheias de estímulos e conhecimentos.

Em concordância com os documentos nacionais, que discorrem que os eixos estruturantes da Educação Infantil são as interações e as brincadeiras, podemos dizer que é com a interação com o outro que a criança aprende. Unidas à essa interação, as brincadeiras imersas na ludicidade, proporcionam ainda mais que as crianças utilizem seu imaginário e, no faz de conta, construam aprendizados importantes, desde que a mediação do professor as ajude a assimilar esses conhecimentos para que se transformem em saberes, pois, de forma prazerosa e lúdica, os aprendizados terão reflexos no conhecimento de mundo da criança.

Ao pensar o professor como mediador dos conhecimentos, este deve se munir de uma variedade de atividades e possibilidades para atingir os objetivos da pré-escola, deve voltar sempre o olhar para as brincadeiras e interações que, para essa faixa etária, é o que proporciona à criança aprender, pois seu aprendizado deve estar pautado na ludicidade, na socialização e criatividade, sempre contextualizados com o meio em que vivem. Isso tudo é o que está previsto pela BNCC, quando analisamos o que se refere à pré-escola que deixa claro que criança é um ser social e cultural, pois seu desenvolvimento deve ser de forma integral.

O documento que regulamenta a implementação da BNCC diz o seguinte:

Na pré-escola, passa a haver uma pressão maior para que as crianças se alfabetizem. É importante não perder de vista o que a legislação prevê: a Educação Infantil está comprometida com o desenvolvimento integral das crianças (LDB/96). Como já vimos no início deste capítulo, na Educação Infantil, o professor deve proporcionar acesso à cultura escrita, criando situações nas quais as crianças possam ter contato com materiais impressos e sejam incentivados à escrita espontânea, sem a obrigação de sistematizar processos de alfabetização (BRASIL, 2018, p. 59).

Este documento ainda ressalta a importância da instituição de ensino que recebe as crianças vindas da pré-escola, que “conheçam o currículo da Educação Infantil e a forma como as crianças aprendem para criar um ambiente acolhedor”, pois devem valorizar as atividades de rotina da pré-escola e utilizar recursos como as massinhas de modelar, contação de histórias, com o intuito de amenizar o impacto da mudança para o Ensino Fundamental (BRASIL, 2018, p. 60).

Ao entender as diversas fases de desenvolvimento da criança é possível o professor potencializar o aprendizado e, por meio das atividades lúdicas, será possível desenvolver a coordenação motora, a socialização, a linguagem, o cognitivo e o emocional, conforme aborda Piaget (2005) que discorre que “Os interesses de uma criança dependem, portanto, a cada momento do conjunto de suas noções adquiridas e de suas disposições afetivas” (PIAGET, 2005, p. 16). A partir disso, podemos pensar que o professor, com as atividades bem elaboradas, pode estimular o intelecto e o cognitivo em todo instante que instiga e proporciona experiências para as crianças vivenciarem.

Piaget (2005) divide a infância em períodos. O primeiro é o recém-nascido que é de 2 anos de idade. O segundo período é a primeira infância de dois a sete anos de idade. O terceiro período é infância de 7 a 12 anos a partir disso a criança entra na fase da adolescência.

O que interessa à presente pesquisa é o segundo período, o que não exclui os outros de igual importância, mas é o que se refere à idade da pré-escola, pois em cada período o autor revela transformações significativas, o que é relevante pais e educadores terem conhecimento.

Para Piaget (2005), a linguagem é a encarregada da aquisição de conhecimentos e outros desenvolvimentos da criança, que começa a se comunicar com mais ênfase a partir dos 3 anos. Assim, o autor entende que ela começa a adquirir mais informações, o que colabora para ampliar seu aprendizado, através de estímulos e da interação com outras crianças.

O período entre 2 e 7 anos, segundo Piaget (2005), são os momentos em que as crianças começam a aprender coisas diferentes, novas e a percepção aguçada, pois é nessa fase que começam os porquês. Já fazem muita coisa por conta própria e prezam pela interação com os outros.

Para saber como a criança pensa espontaneamente, não há método mais eficiente que o de pesquisar e analisar as perguntas que faz, abundantes às

vezes, quase ao mesmo tempo em que fala. Entre essas perguntas, as mais primitivas tendem simplesmente a saber onde se encontram os objetos desejados e como se chamam as coisas poucos conhecidas: O que é? Mas desde 3 anos, e muitas vezes antes, aparece uma forma básica de pergunta que se multiplica até os 7: são os famosos “porquês” das crianças, aos quais os adultos tantas vezes têm dificuldade de responder (PIAGET, 2005, p. 29).

Assim, podemos perceber que o desenvolvimento da criança é gradual, de acordo com o período em que está, conforme a idade que tem. Piaget (2005) acredita que a criança sempre passa por transformações através das experiências que adquire para a construção do seu conhecimento. Por isso, é importante frisar que o professor, enquanto mediador de aprendizagens tenha ciência no que diz respeito aos conhecimentos relacionados ao desenvolvimento das crianças.

3.3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E A PRÉ-ESCOLA

O recente documento norteador da educação, a Base Nacional Comum Curricular, baseado nos eixos estruturantes interações e brincadeiras, tem seis direitos que sustentam as condições de aprendizagem na Educação Infantil. São eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se. São esses direitos de aprendizagem que permitem que:

As crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2017, p. 37).

A Base entende que, nesse sentido, o papel do professor, além de acompanhar as práticas quanto às aprendizagens, é de “refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações”, porque, dessa forma, será possível garantir a promoção do pleno desenvolvimento das crianças (BRASIL, 2017, p. 37).

Assim, este documento está estruturado em campos de experiências para que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças da Educação Infantil estejam de acordo com a faixa etária e assegurados pelos eixos estruturantes, que são as interações e as brincadeiras. Os campos de experiências englobam os direitos de aprendizagens e estão divididos em: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e

movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação e Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017, p. 40).

A Base, estruturada nos campos de experiências, divide a Educação Infantil em três fases, pela idade das crianças; a primeira é a Creche, que são os Bebês, de 0 a 1 ano e 6 meses. Depois vem as Crianças Bem Pequenas, com 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses e por último a pré-escola, para Crianças Pequenas com 4 anos a 5 anos e 11 meses. Em suma, a criança necessita de ser desenvolvida de forma integral, em todos os aspectos emocionais, cognitivos, físicos e sociais, para garantir seu desenvolvimento pleno (BRASIL, 2017).

Assim podemos entender a importância da mediação do professor nas atividades escolares, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC (BRASIL, 2017), no que tange à Educação Infantil, pois este documento, ao nortear as práticas dos professores, menciona ser nas interações e brincadeiras por caracterizarem o cotidiano da infância. Para a BNCC, “ao observar as interações e a brincadeiras entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (BRASIL, 2017, p. 37).

Assim, para o pensamento de Freire (2003), que ensinar é criar possibilidades, o papel do professor não pode se resumir apenas a transmitir conteúdo, mas proporcionar formas do conhecimento ser vivido, explorado, analisado, criticado, mesmo com crianças pequenas, como é o caso da Educação Infantil, pois segundo a BNCC, criança também narra, questiona, explora, constrói e produz cultura. Por isso, entende-se que o professor tem várias possibilidades para criar estímulos e potencializar o desenvolvimento das crianças, pois segundo a UNDIME (2020),

Pesquisas recentes têm comprovado que práticas pedagógicas que promovem a aprendizagem e o desenvolvimento na etapa da Educação Infantil são aquelas que respeitam e valorizam a forma peculiar de a criança se expressar e aprender sobre o mundo, a cultura, as pessoas, as relações e sobre si mesmas, por meio de brincadeiras, de experiências provocadoras de investigação, permeadas por interações de qualidade e por relações de vínculo seguras e estáveis (UNDIME, 2020, p. 34).

É a partir das necessidades da criança pequena que a implementação da BNCC, de forma definitiva, prevista para a partir de 2020, prevê uma formação continuada para professores e apoio na reestruturação dos Planos Políticos

Pedagógicos das escolas, para que ocorram os avanços previstos por este documento, que tem como premissa o desenvolvimento integral da criança.

Quando se trata de contação de histórias, esta pode trazer várias possibilidades, pois, segundo a BNCC, o professor provoca, através das atividades, estímulos voltados para a leitura, identidade, cultura, dentre outros que asseguram os direitos da criança de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, conforme é previsto pela BNCC. Entendemos, dessa forma, que as práticas escolares devem articular os saberes dos alunos com outros conhecimentos para a promoção do desenvolvimento integral da criança, pois deve estar previsto no currículo escolar da Educação Infantil, uma vez que o professor é visto como mediador, com a responsabilidade de criar contextos de aprendizagem (BRASIL, 2017).

A UNDIME (2020), nos Parâmetros Nacionais da Qualidade da Educação Infantil, está articulada à BNCC (2017) por ser o documento norteador da Educação na atualidade e ao se referir à contação de histórias diz que:

Utilizar corretamente e conservar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de maneira sistemática, regular e gratuita oferecidas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), bem como outros programas aplicáveis à Educação Infantil (UNDIME, 2020, p. 30).

Nesse sentido, a UNDIME (2020) entende que o professor é o “responsável pela criação dos contextos de aprendizagem que garantam cotidianamente a interação com os livros e os diferentes tipos de textos que neles encontramos” (UNDIME, 2020, p. 30).

Em consonância com a BNCC (2017), ainda complementa que

Os contos de fadas, por exemplo, são uma maneira atemporal e universal de compreender as experiências e ajudam as crianças a organizar os acontecimentos que vivem, a significar o que lhes acontece, a entender o comportamento das pessoas. Muitas das aprendizagens previstas na BNCC da etapa da EI são oportunizadas por meio de práticas pedagógicas que propõem interações de qualidade com os livros e seus textos, entre elas:

- Expressar ideias, desejos e sentimentos em distintas situações de interação, por diferentes meios;
- Argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida;
- Ouvir, compreender, contar, recontar e criar narrativas;
- Conhecer diferentes gêneros e portadores textuais, demonstrando compreensão da função social da escrita e reconhecendo a leitura como fonte de prazer e informação (UNDIME, 2020, p. 30).

Assim, a UNDIME (2020), conforme prega a BNCC (2017), também entende que a interação das crianças com os livros pode promover experiências que envolvem comunicação e interação com a cultura, o que para o autor significa que o professor deve considerar em suas práticas a construção de significados e a ampliação das experiências para as crianças através de oportunizar os momentos de leitura e contação de histórias, para que as crianças possam:

- Enriquecer seu vocabulário;
- Compreender a relação entre as ilustrações e o texto;
- Construir estratégias de leitura;
- Fazer escolhas do que ler a partir de seus gostos e preferências;
- Identificar aspectos fônicos como sons iniciais iguais e rimas;
- Conhecer exemplos do que a escrita é capaz de fazer e para que ela serve, engajando-se no seu processo de aprendizagem sobre a leitura e a escrita;
- Envolver-se e responsabilizar-se pelo cuidado e manutenção dos livros;
- Ter acesso a livros que atendam suas necessidades e singularidades, tais como livros com escrita em braile, com alto-relevo, com libras, audiolivro (UNDIME, 2020, p. 31).

Cada campo de experiência que a BNCC (2017) traz é composto por vários objetivos para atender a diversidade das necessidades das crianças da pré-escola. Conforme a história, o professor tem possibilidade de trabalhar uma variedade grande de atividades pedagógicas, que vai desde o mundo da imaginação a uma produção de brinquedos, visita a outras culturas, reconhecimento de identidade, dentre tantos outros. Mas o que está ligado ao ato de contar histórias apenas, pode-se citar o campo de experiência Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação. Pois, a BNCC entende que desde muito pequena, a criança tem curiosidade no mundo da escrita. Com relação a este campo de experiência, a BNCC discorre ser importante a familiarização das crianças com a cultura escrita, assim elas ampliam e enriquecem seu vocabulário.

A criança, para a BNCC, “ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita”, além de reconhecer formas diferentes de usar a escrita na sociedade (BRASIL, 2017, p. 42).

Nesse sentido, este documento entende que as práticas dos professores, voltadas para a escrita, devem ser pensadas a partir do que as crianças já sabem e de suas curiosidades, para, assim, estimular a imaginação e o conhecimento de mundo. Nesse sentido, a BNCC deixa claro que

[...] o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas

corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua (BRASIL, 2017, p. 42).

No Campo de experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação” é composto por vários objetivos que permitem o professor trabalhar de forma a elevar os conhecimentos das crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). No que diz respeito à contação de histórias, podemos perceber que atinge os conhecimentos das crianças sobre escrita e leitura e seu desenvolvimento na Educação Infantil. Segundo a BNCC, é importante que na Educação Infantil as crianças tenham acesso ao mundo letrado, sem o compromisso de ser Alfabetizado. Assim, este campo de experiência tem alguns objetivos voltados para a leitura e escrita, o que pode ser utilizado quando se refere à contação de histórias. De certo que para a contação pode-se utilizar de outros Campos de Experiências e outros objetivos a partir do que o professor pensa como prática que complementa a história, mas no que se refere à leitura e escrita seguem os objetivos com seus respectivos códigos, traçados para esse campo de experiência:

(EI03EF01) - Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI03EF02) - Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

(EI03EF03) - Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF04) - Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

(EI03EF05) - Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.

(EI03EF06) - Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa. (EI03EF07) -

Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

(EI03EF08) - Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea (BRASIL, 2017, p. 49 e 50).

Ao observar os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento do campo de experiência, acima citados, podemos perceber que todos podem ser atribuídos quando se refere à uma prática de contação de histórias, tanto do professor para o

aluno, quanto do aluno para o professor e a turma toda. O que não exclui os objetivos dos outros campos, mas percebemos que este é o que mais abrange o ato de contar histórias. Os outros ficam por conta de cada história e de cada prática que acompanha a história contada, que pode trabalhar as áreas cognitiva, afetiva e social, dentre outras, na promoção do desenvolvimento da criança da pré-escola, de forma integral, e garantir uma diversidade de experiências através das brincadeiras e interações.

3.4 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

O trabalho do professor é de extrema importância, pois é através dele que o desenvolvimento do aluno é potencializado no âmbito educacional, conforme a Base Nacional Comum Curricular (2017), que em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013), estrutura o desenvolvimento por campos de experiências e tem como eixos estruturantes as interações e as brincadeiras. Tudo isso define os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento ao pensar a formação integral da criança, para abranger os aspectos afetivos, cognitivos e sociais, que o professor pode garantir através de uma diversidade de atividades, para promover o desenvolvimento das crianças.

A etapa da Educação Infantil permeia o lúdico que, segundo as premissas de Benedet (2011), inicialmente seria apenas ligado às brincadeiras e aos jogos, mas que ao invés disso ele ultrapassa o brincar livremente e faz parte das atividades essenciais da vida humana. O lúdico pode ser acessado de várias formas como nas brincadeiras, no brinquedo, nos jogos, música, dança, teatro, entre outras como a contação de histórias, que no ensino é a escolhida para este estudo, no sentido de buscar contribuições deste recurso para a aprendizagem dos alunos da Educação Infantil, mais especificamente os de 04 a 05 anos e 11 meses, que se referem à pré-escola.

Para Benedet (2011), está inserido no contexto da ludicidade o faz de conta, onde o autor traz, em sua pesquisa, este recurso voltado à Educação Infantil, pois para ele o lúdico é um elemento abraçado pelas fantasias e imaginação que “se integram com os materiais símbolos das crianças”, pois, para ele, a ludicidade está na totalidade do indivíduo e nas várias formas de suas ações sobre a atividade que vivenciam (BENEDET, 2011, p. 23).

Assim, o autor afirma que “as atividades lúdicas são aquelas atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis” (BENEDET, 2011, p. 24, *apud* LUCKESI, 2000).

No sentido de trabalhar de maneira prazerosa, o lúdico pode ser utilizado em diversas formas e trazido para a sala de aula nas atividades como meio de expressão e comunicação, pois Benedet (2011) entende que é dessa forma que, na Educação Infantil, pode ser utilizado para o desenvolvimento da aprendizagem e menciona que

Com isto entendemos que então, a ludicidade é tudo o que diverte e entretém o ser humano, neste caso a criança se envolve em uma ativa participação prazerosa. [...] A ludicidade dá-se tanto em torno da necessidade do grupo como, das necessidades individuais, neste ensejo, recrear é educar, pois nos dá à possibilidade de criar, inventar, nos oferece ricas possibilidades culturais (BENEDET, 2011, p. 25).

É nas brincadeiras e nas interações que permeiam o lúdico, por isso, Benedet (2011) menciona que este recurso pode promover uma aprendizagem significativa nas práticas da sala de aula com possível desenvolvimento da fala, do pensamento e do sentimento.

Piaget (2005), em seus estudos, proporciona conhecimento, no que tange ao desenvolvimento, a aprendizagem e os mecanismos mentais que possibilitam compreender como acontece o desenvolvimento de uma criança. O autor proporciona uma análise das fases da criança desde o seu nascimento, ele reflete sobre o equilíbrio das estruturas cognitivas que permite ao professor ter um direcionamento do olhar em suas práticas pedagógicas, o que torna possível fazer propostas diante da compreensão dos interesses das crianças, para corresponderem aos estímulos.

Piaget (2005) divide o desenvolvimento em etapas, com quatro estágios, pela faixa etária: Sensório motor (0 a 24 meses), Pré-operatório (2 a 7 anos), Operações concretas (7 a 12 anos e Operações formais (acima de 12 anos). Este trabalho se refere aos dois primeiros estágios, que dizem respeito às crianças na etapa da Educação Infantil, que se faz necessário compreender como se dá o desenvolvimento e as características dessa idade, para então compreender as abordagens em relação à contação de histórias e sua contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem até os 5 anos e 11 meses.

Para esta pesquisa há relevância o primeiro e segundo estágios que o autor descreve por abranger a etapa da Educação Infantil, que abrangem os sujeitos desse

trabalho, portanto, não vamos nos ater aos outros estágios, pois o que mais importa está nos dois primeiros.

Piaget (2005), ao se referir ao estágio Sensório Motor (0 aos 24 meses), diz que este é um período que vai do nascimento até a aquisição da fala e divide em três períodos que o dos reflexos, da organização das percepções e hábitos e o da inteligência senso-motora. Os reflexos surgem conforme estímulos, de maneira espontânea e com movimentos naturais, que o autor menciona que esses reflexos se aperfeiçoam, conforme o passar dos dias, como é o exemplo da sucção ao mamar, pois o bebê mama melhor depois uma semana (PIAGET, 2005, p. 17-19).

Depois desse período, já com mobilidades para muitos movimentos, vem a assimilação mental, onde as percepções se tornam experiências e logo a criança começa a sorrir, reconhecer pessoas, começa a pegar o que vê e assimilar com mais facilidades movimentos, objetos e pessoas. Os novos hábitos adquiridos com as experiências permitem que a inteligência apareça, bem antes da linguagem, onde a manipulação de objetos substitui as palavras. Depois desses períodos muito importantes, a criança passa por outros que dizem respeito ao espaço, a objetos e tempo. Piaget (2005) ainda menciona que é nesta fase que a criança experimenta alguns sentimentos como de alegria e tristeza, onde também acontece o início da aquisição da linguagem (PIAGET 2005, p. 20 a 24).

O estágio pré-operatório, que vai dos 2 aos 7 anos de idade, a criança, segundo Piaget (2005), começa a dar valor aos objetos que já não terão importância e a utilizar sua imaginação, pois fantasia principalmente personagens, o que modifica as ações que tinha no estágio anterior, ao expressar narrativamente tudo o que antes só fazia com a parte motora. Conforme Piaget (2005),

Daí resultam três consequências essenciais para o desenvolvimento mental: uma possível troca entre os indivíduos, ou seja, o início de uma socialização de uma ação; uma interiorização da palavra, isto é, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem interior e o sistema de signos e, finalmente uma interiorização da ação como tal, que, puramente perceptiva e motora que era até então, pode daí em diante se reconstituir no plano intuitivo das imagens e das experiências mentais (PIAGET 2005, p. 24).

O autor considera que nesse estágio acontecem três modificações gerais da conduta, que são: socialização, pensamento e intuição. A criança utiliza os símbolos por meio da fantasia e da imaginação. Nesse sentido, entendemos a importância da

criança fantasiar e entrar no lúdico com as brincadeiras, as histórias, o faz de conta, assim aproveitará sua inteligência.

Esse estágio é considerado por Piaget (2005) como a primeira infância, onde a criança tem o interesse como prolongamento das necessidades, “o objeto torna-se interessante na medida em que corresponde a uma necessidade. Assim, o interesse é a orientação própria a todos ato de assimilação mental”. Nesse sentido o autor afirma “que os escolares alcançam um rendimento infinitamente melhor quando se apela para seus interesses e quando os conhecimentos propostos correspondem às suas necessidades” (PIAGET, 2005, p. 37).

Com essa fase marcada pelo egocentrismo inconsciente, apesar da troca e comunicação, da socialização, Piaget (2005) diz que entre os cinco e seis anos de idade, essa característica alivia, por apropriar-se dos processos de socialização através do brincar, trocar de objetos, interagir com outras crianças e até com adultos, amplia assim, sua capacidade de comunicar-se.

Apesar de não ser necessário adentrar nos estágios seguintes, é importante compreender que, segundo Piaget (2005), a partir dos sete anos, a criança “torna-se capaz de cooperar, por que não confunde mais seu próprio ponto de vista com o dos outros, dissociando-os para coordená-los”. O autor menciona que é nessa fase que marca uma modificação no desenvolvimento mental, por ser claro o surgimento de novas construções baseadas nos estágios anteriores, no que se referem à inteligência, as relações sociais e a vida afetiva (PIAGET 2005, p. 41).

Paulo Freire defende a ideia de que o professor precisa ter consciência de que ensinar não é transferir conhecimentos,

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2003, pag. 47).

Para que assim o professor, em qualquer etapa da educação que esteja, deve ter essa consciência e proporcionar um grande número de experiências possíveis, visto que segundo Piaget (2005), as experiências que uma criança vivencia são utilizadas para as construções nos estágios seguintes.

3.5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

De acordo com os campos de experiências da BNCC, o trabalho com as crianças da Educação Infantil deve ser proporcionar uma diversidade de vivências e experiências, ao objetivar o desenvolvimento nas áreas cognitivas, emocionais, afetivas e sociais de cada criança, para promover seu desenvolvimento de forma integral. A BNCC ainda entende que é necessário fazer o acompanhamento da aprendizagem, observar e registrar sua trajetória:

As creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar (BRASIL, 2017, P. 36).

Com as brincadeiras e a interação como eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC, este documento norteador da Educação Básica na atualidade, assegura condições para o desenvolvimento das crianças.

Diante dessa premissa, a BNCC compreende que, mesmo as crianças da Educação Infantil, podem ter acesso à linguagem escrita como forma de estimular o gosto pela leitura e a curiosidade pela escrita. Gontijo (2001) traz contribuições riquíssimas no entorno do processo de alfabetização, pois a autora entende que as crianças, antes de iniciar o aprendizado da linguagem escrita, já estão em desenvolvimento. Em vista disso, ela reforça que “a linguagem escrita representa os sons da fala e, como mecanismos, essa é uma aprendizagem necessária”, a autora deixa claro que nesse contexto essa aprendizagem não pode ser reduzida à forma mecânica do ler e escrever, “senão será esvaziada das significações que possibilitam a realização das suas funções”, pois para a autora, a leitura e a escrita devem vir carregadas de significações de mundo (GONTIJO, 2001, P. 41).

Podemos refletir que dessa forma, a contação de história vem carregada de sentidos, pois a cada uma a criança tem a oportunidade de mergulhar na imaginação, buscar sentidos através da ludicidade e fazer ligação com sua realidade. A análise de Gontijo (2001) faz com crianças para serem alfabetizadas, parte da oralidade de textos como histórias e outros gêneros textuais, onde as crianças precisavam fazer registros e diante algumas atividades,

As crianças elaboravam por meio da linguagem análise das unidades da linguagem oral e registravam símbolos correspondentes a essas unidades. Desse modo foi possível observar como as relações entre o oral e o escrito, constituídas socialmente, se deslocaram para o plano individual, pois as crianças começaram elaborá-las consigo mesmas (GONTIJO, 2001, p. 229).

Gontijo (2001) diz ainda que “a aprendizagem da linguagem escrita na escola marca o início de um novo processo, em que a maioria das tarefas realizadas pelas crianças passa a exigir o uso do sistema de escrita”. Para ela, as atividades realizadas com as crianças durante a alfabetização “trazem para elas o desafio de lidar com uma das mais importantes produções simbólicas: a escrita (GONTIJO, 2001, p. 47).

A autora ainda menciona que “quando as crianças iniciam alfabetização, passo a tomar consciência, a pensar refletir sobre a linguagem oral e começam a desenvolver um conjunto de habilidades metalinguísticas em particular a denominada consciência fonológica” (GONTIJO, 2001, p. 253).

Não podemos deixar de enfatizar a importância da linguagem nesse processo, pois se converteu em meio de pensamento para as crianças e atuou como recurso que auxiliava na lembrança das letras que deveriam ser grafadas e, por isso, estava a serviço da atividade realizada (GONTIJO, 2001, p. 255).

O contato com os livros permite às crianças, mesmo não alfabetizadas terem o contato com a linguagem escrita, fica nítido no que Gontijo (2001) enfatiza em seu trabalho. Nesse sentido o ato de contar histórias e proporcionar momentos de folhear o livro e manter esse contato com a leitura, pode estimular a compreensão da escrita, não apenas de forma a reproduzir as letras e as palavras, mas de fazer uso de forma a registrar a oralidade. Gontijo (2001) em sua pesquisa deixa claro que as crianças já compreendem a função da escrita, que pode ser aprendido juntamente com o código, as letras.

3.6 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA PRÁTICA DO PROFESSOR: O QUE ELES DEVEM CONTAR PARA AS CRIANÇAS?

Prática de contar histórias é antiga e antes mesmo da escrita as pessoas utilizavam as narrativas para falar ou explicar sobre diversas coisas. Dessa forma, os antigos transmitiam conhecimentos, valores, costumes e ensinamentos para não se perderem no tempo e de geração em geração os ensinamentos eram passados. Faria (2017) traz essas considerações e ainda faz uma abordagem com a Educação Infantil,

para ela, “as informações foram sendo disseminadas inicialmente pela “memória viva” onde a relação entre o dizer e o ouvir se fazia interdependentes em um estado de entrega, intensidade, admiração e conquista desafiando o processar do tempo” (FARIA 2017, p. 31).

As mudanças que vieram com o surgimento e a evolução da escrita, fez com a contação de histórias se tornasse algo mais de passatempos e de pouco valor intelectual, conforme menciona Faria (2017), pois onde era uma prática narrativa, onde através da oralidade, os conhecimentos e saberes eram transmitidos dos mais velhos para os mais novos. Mas, segundo a autora, com o reconhecimento das artes em geral, como fonte indispensável de conhecimento para a formação do ser humano, a contação de histórias ganha espaço novamente, visto que muitas tradições e culturas foram mantidas através das práticas orais.

Percebe-se que uma história pode contar muito sobre um lugar, sobre uma pessoa, sobre coisas e sobre o mundo, onde a imaginação pode trazer muitos conhecimentos, que se transformam em saberes.

Algumas lendas serviam também para condenar atitudes de desobediência infantil, birra, teimosia, xingamento e malcriação, em que a indisciplina, segundo os preceitos dos adultos, era condição para a aparição dos monstros, bicho-papão, cuca, assombração e fantasmas, nestes casos a lenda assume uma função “educativa” em que o medo é o principal método de intervenção, misturando assim sentimentos de emoção, curiosidade, mistério e receio (FARIA, 2017, p. 34).

A autora menciona que, ao relacionar com a educação, as narrativas podem ajudar na construção da identidade do aluno e permitir que ele se encontre na própria cultura. Pode-se dizer que possibilita ao aluno sentir-se que faz parte da sociedade em que vive.

a educação infantil não é mais vista como lugar de depósito da criança, possui currículo adequado conforme as propostas pedagógicas dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil e Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil que incluem a contato direto da criança com a cultura, a arte e a estética, atingido a sensibilidade, a autonomia e a expressividade (FARIA, 2017, p. 36).

Assim, podemos pensar a contação de história, como recursos para atividade rica em contribuições para muitos aprendizados, é uma atividade lúdica, que no que diz Faria (2017), ela “instrui, estimula o cognitivo, educa a atenção, aviva os sonhos, ampliam as possibilidades de ver e compreender o mundo” (FARIA 2017, p. 36).

Os estímulos que uma contação de histórias pode proporcionar são inúmeros, pois é um recurso que permite ao professor utilizar vários tons de voz, vários objetos e muitos movimentos conforme a história, pois enriquecem o momento. É uma forma que o professor tem para contribuir para que a criança tome gosto pela leitura. É assim que, Sisto (2012) aborda a importância da preparação, pois traz considerações importantes no preparo da voz, dos gestos, dos movimentos, que permite ao ouvinte envolver-se na trama da história. O autor diz que quando uma história é bem contada, permite ao ouvinte ainda ficar imerso no clima da história por um tempo, um clima que a história despertou. Se isso acontece com adultos, imagine com as crianças onde a imaginação flui em todo momento (SISTO, 2012, p. 147, 148).

Com relação à sala de aula o autor diz que quem conta histórias não faz teatro e que é muito comum confundir. O contador usa expressividade corporal e emoção para articular seu texto, com ritmos e climas. Para ele, o contador deve ter domínio da história que conta como se estivesse vivenciado aquele momento narrado (SISTO, 2012, p. 65-67).

Portanto o preparo da voz, do texto, dos movimentos e quaisquer objetos são imprescindíveis para contar a história, pois segundo Sisto (2012), o narrador traz à tona a emoção do acontecido. Portanto, para contar histórias o autor deixa claro que não é apenas decorar o texto, vai além. É trazer a emoção, saber olhar, saber a história adequada ao público, saber os movimentos do corpo, os gestos, a entonação da voz, a espontaneidade, o clima, a sequência rítmica da história e as pausas e silêncios. Para Sisto (2012) contar não é apenas ler. É dessa forma que o ouvinte entra no mundo da história e da imaginação (SISTO, 2012, p. 46-61).

Bedran (2012), em sua experiência como contadora de histórias, afirma que as crianças que ouvem histórias no dia-a-dia tem sua imaginação criadora estimulada que a proporciona dialogar com a cultura que está a sua volta, o que permite que a criança exerça sua cidadania.

Nesse sentido a autora fala das narrativas, onde ouvinte e narrador podem partilhar de uma experiência em comum, para ela a arte de narrar torna-se cada vez mais rara, porque ela nasce da transmissão de uma vivência. Bedran (2012) preza pelas narrativas e no prazer das crianças de ouvir histórias e diz que

Contar histórias como uma ação pedagógica é também um estímulo às práticas de leitura. As experiências através das narrativas são fundamentais para a formação de leitores, pois todo ouvinte de uma boa história que ele lhe

toca profundamente a alma faz uma corrida em direção aos livros, sedento de reencontrar neles impressos o sonho, a emoção e o afeto vivenciados anteriormente durante o “narrar-ouvir-criar” (BEDRAN, 2012, p. 110).

Bedran (2012) expressa o objetivo de inspirar os educadores para se apropriarem da prática e da pesquisa em literatura oral para alcançarem novas perspectivas dentro do seu próprio trabalho, tornar-se multiplicadores dessa arte quando passam a cantar e contar histórias em suas salas de aula. Para a autora, essa é uma forma de afirmar a riqueza dessa experiência e seu poder de transformação no seu cotidiano pedagógico (BEDRAN, 2012, p. 111).

Para a autora, os contadores de histórias atravessam o tempo com suas narrativas essenciais mergulhadas na matéria-prima de sua própria vivência. Ela menciona que atualmente a valorização da arte da narração oral chega às bibliotecas, aos centros culturais e integra-se aos fazeres pedagógico e aos movimentos artísticos e de entretenimentos (BEDRAN, 2012, p. 44 e 45).

Em suas observações, Bedran (2012) diz que:

No percurso do cotidiano do meu trabalho artístico e pedagógico, que a arte narrativa contém elementos de teor surpreendente e que são percebidos assim por quem os assimila: a narração tem uma força que se expande por tempo indefinido, ao contrário da informação, que só interessa enquanto novidade e se esgota no mesmo instante em que se dá (BEDRAN, 2012, p. 112).

Matos (2014) diz ser importante a contação de histórias na sala de aula, pois é uma forma do professor entrar em sintonia com os alunos, afirma a importância de trabalhar o estímulo à leitura e da forma de trabalhar o texto que aguça a imaginação e a curiosidade, pois acredita ser pela oralidade que a criança absorve o que o seu meio social. Para a autora, no que tange a contar histórias “o real e o imaginário são indissociáveis”, pois compreende que a história é muito útil na educação, por trazer possibilidades de um aprendizado do jeito da criança, conforme sua imaginação, assim não pode deixar de lado esse recurso no processo de ensino (MATOS 2014, p. 147 e 148).

O primeiro ponto importante na abordagem da cultura oral primária é o significado que tem a palavra. [...] na cultura escrita, a palavra é grafada, podemos vê-la, tocá-la, podemos armazená-la em textos, em livros, esquecer-la e, quando precisarmos, procura-la onde a deixamos. [...] nas sociedades de tradição oral, a palavra apenas existia quando narrada (MATOS 2014, p. 154).

Para Matos (2014), a escola é um espaço de formação, pois obtém na palavra do contador de histórias uma fonte inesgotável de recursos, pois para a autora, contar histórias é convidar a brincar com os próprios pensamentos, é mostrar “um mundo fantástico, de maravilhas e imprevistos, que sutilmente nos remete ao nosso próprio ser, com tudo que isso possa significar” (MATOS, 2014, p. 23).

Diniz (2013) apresenta maneiras de como explorar a contação de histórias como recurso didático, por ser este um desafio para alguns professores e colabora com atividades muito práticas.

Abreu (2019) dialoga com este trabalho pelo fato de que, em sua pesquisa, realiza orientações a professores para contar histórias para as turmas da Pré-escola, com uma posterior observação em algumas intervenções previamente planejadas, que a permitiu observar que a contação de histórias no ambiente escolar pode favorecer o desenvolvimento da criança, baseado na Teoria da Mente. Segundo a autora, essa teoria é uma habilidade desenvolvida nos primeiros anos de vida, que se refere a entender que as emoções, sentimentos, desejos e intenções são distintos nas pessoas, o que mostra o quanto são necessárias as relações interpessoais para compreender e refletir o que os outros pensam e desenvolver a Teoria da Mente.

Nesse mesmo sentido, ao fazer relação com a Teoria da Mente, Gubany (2019) traz contribuições importantes para esta pesquisa ao realizar, em suas intervenções, comparações da contação de histórias com fantoches e com livros, onde percebe que o ato de ouvir histórias leva à reflexão e muitas vezes a perceber-se e perceber o outro. A autora realiza uma intervenção e destaca que a contação de histórias pode ser usada para diversos fins, pois considera a importância dos educadores saberem orientar seus alunos e discorre que a contação de histórias e conversações devem ser momentos prazerosos para as crianças, por perceber em suas pesquisas que auxilia no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Portanto, com uma observação unida a uma base teórica sólida é possível trazer contribuições para o trabalho na pré-escola e potencializar o desenvolvimento das crianças, como é o caso de utilizar a contação de histórias como um recurso que pode ser unido a outros para enriquecer as práticas escolares.

3.7 OS CONTOS DE FADA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A origem dos contos de fada é datada de mais ou menos no século II a.C. cujas mulheres da época narravam suas histórias às crianças, criavam além de uma cultura que passava de geração em geração, também um significado especial. Os contos de fada são oriundos de Celta e inicialmente eram considerados como poemas. Passou por um período de mudanças, voltava-se para o universo infantil, depois as fadas originaram-se dos adultos com sua nova visão e posteriormente iniciou a preocupação com a linguística (COELHO, 2003; SCHNEIDER; TOROSSIAN, 2009).

Schneider e Torossian (2009) mencionam que as obras de Charles Perrault, por volta de 1620, eram compostas por muitos personagens do cotidiano da época, com poucas fadas, mas com seres mágicos e muitas paisagens belas, com a presença das cenas de violência, com esses personagens como protagonistas.

Vicente (2014) traz um breve histórico e menciona os irmãos Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859) que trazem suavidade às histórias contadas oralmente, pois incluem príncipes encantados, donzelas, madrastas e bruxas malvadas, animais que falam. Segundo a autora, os contos de fadas nascem da oralidade que foi transmitida de geração em geração, que depois são escritas e começam a fazer parte da imaginação das crianças.

Para Vicente (2014), os contos de fadas estão presentes desde os tempos remotos e na contemporaneidade são como narrativas que penetram no íntimo de cada ouvinte ou leitor, comunicavam com ele nos seus desejos e sentimentos de superação e segurança. A autora discorre que

[...] afirma Bettelheim (2007): os contos, em uma profundidade muito maior que quaisquer outros materiais literários, iniciam-se por fortes pressões vividas pelos personagens e, assim, falam às pressões que a criança vive (ou viverá), oferecem soluções para essas pressões, e apresentam o benefício daqueles que guiam-se pelos bons princípios. O autor ainda ressalta que as fantasias que a criança tece acerca da história lhe permitem familiarizar-se com os personagens e sua maneira de responder às pressões, desafios, conflitos e frustrações, o que possibilita que esse leitor aproxime-se da familiarização com suas próprias reações, dando uma direção mais adequada às suas experiências com o mundo (VICENTE, 2014, p. 21).

Diante dos benefícios que a leitura traz, tanto para ouvinte e leitor, Vicente (2014) afirma que a leitura para as crianças terá melhor proveito, se estiverem de acordo com sua idade e que será enriquecido, pois depende da qualidade do estímulo

à imaginação e ao intelectual, através das provocações em variedades de sentimentos.

Paiva (1990) menciona que os contos de fadas sofreram alterações durante o tempo e adaptaram-se às culturas locais, pois receberam várias influências, inclusive judaico-cristã, mas alguns contos mantiveram suas raízes na cultura popular. Para a autora os contos são dotados de uma linguagem simbólica que permite várias formas de interpretações.

Nessa perspectiva, Cavalcante; Solfa (2012) diz que “na medida em que a linguagem passou a ser valorizada, os contos de fadas tornaram referência mais culta. Porém o gosto popular não abandonou as tradições simplificadas” (CAVALCANTE; SOLFA, 2012, p. 21). Assim, em concordância com Coelho (2002), entendem que os contos de fadas servem de instrumentos para a aprendizagem das crianças, através do ato de ouvir, que abre possibilidades para a compreensão de mundo e pode formar bons leitores e ouvintes, pelo fato de despertar a curiosidade e da imaginação alcançar uma dimensão superior à literatura. Isso tudo se deve ao fato dos contos de fadas serem compreensível com mais facilidade pelas crianças.

Cavalcante e Solfa (2012) manifesta que a “literatura infantil é ferramenta de criatividade que representa o homem, o mundo, a vida, por meio da palavra, propagando os sonhos e realizações, entre o real e o imaginário” (CAVALCANTE; SOLFA, 2012, p. 18), para as autoras, no desenvolvimento e aprendizagem das crianças pode destacar aspectos relevantes e enriquecer a personalidade, pois para elas o conto de fadas ultrapassa a função de diversão, pois colabora da formação do sujeito. Destacam ainda que o hábito de ouvir e contar histórias faz com que a criança se familiarize com a linguagem escrita.

Os contos de fadas carregam uma herança significativa de sentidos ocultos e essenciais para a vida. Como toda obra de arte, os contos de fadas são uma variação sobre o mesmo tema, ou seja, o ser humano buscando o sentido da vida. Eles atuam para resolver os conflitos internos, sendo decisivos na formação da criança (CAVALCANTE; SOLFA, 2012, p. 22).

Diante dessa premissa, podemos refletir a importância da contação de histórias na vida da criança, seja escolar ou no ambiente familiar, onde não só o contato com a linguagem escrita, mas o cognitivo, emocional e social da criança pode ser estimulado e seu desenvolvimento potencializado.

4 METODOLOGIA PROPOSTA

4.1 A PESQUISA

Para a realização da pesquisa, a metodologia proposta partiu da contribuição de autores, através de uma pesquisa bibliográfica e investigou o contexto da contação de histórias nas práticas dos professores relacionado aos reflexos da aprendizagem no ensino infantil. Além dos autores, os documentos nacionais que regem a educação, colaboraram com a aproximação da Educação Infantil e o que pertence a ela enquanto o desenvolvimento da criança no ensino.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995) “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p. 21). Nesse sentido, a autora diz que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador vai a campo buscar compreender o fenômeno em questão a partir dos sujeitos que estão envolvidos, onde deve levar em consideração todos os pontos importantes e analisar a dinâmica através dos vários dados coletados. Assim, para Godoy (1995), uma pesquisa qualitativa pode ser conduzida através de caminhos diferentes, através de tipos de procedimentos que é a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia.

Considerando, no entanto, que a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques (GODOY, 1995, p. 21).

No contexto da presente pesquisa, o estudo de caso é que melhor se adequou como caminho e se caracteriza como:

Um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. [...] Adotando um enfoque exploratório e descritivo, o pesquisador que pretende desenvolver um estudo de caso deverá estar aberto às suas descobertas. Mesmo que inicie o trabalho a partir de algum esquema teórico, deverá se manter alerta aos novos elementos ou dimensões que poderão surgir no decorrer do trabalho. (GODOY, 1995, p. 25)

Segundo a autora, no estudo de caso o pesquisador usa várias informações e dados coletados em momentos e fontes diversos, recorre às observações, às

entrevistas, para depois fazer uma análise e apresentar através de relatórios. Os estudos de caso, de acordo com Godoy (1995), integram à pesquisa qualitativa, onde o pesquisador deve iniciar com objetivos e caminhos a percorrer traçados, seu papel deve ser claro para os sujeitos pesquisados. Para a autora, “os dados devem ser coletados no local onde o evento e fenômenos que estão sendo estudados naturalmente acontecem, incluindo entrevistas, observações, análise de documentos e, se necessário, medidas estatísticas” (GODOY, 1995, p. 27).

Procura-se, em trabalhos de caráter qualitativo, realizar várias entrevistas, curtas e rápidas, conduzidas no ambiente natural e num tom informal. Existem, no entanto, situações onde o pesquisador tem que optar por uma entrevista mais formal. Embora nas entrevistas pouco estruturadas não haja a imposição de uma ordem rígida de questões, isso não significa que o pesquisador não tenha as perguntas fundamentais em mente. A entrevista poderá ser gravada, se houver concordância do entrevistado, ou pode-se tomar algumas notas. A gravação, evidentemente, torna os dados obtidos mais precisos (GODOY, 1995, p. 27).

Com relação às entrevistas, Bispo; Godoy (2014) mencionam ser a técnica mais comum em pesquisas qualitativas e vista até como obrigatória, pois através dela é possível uma coleta maior de informações em um tempo mais curto, por não necessitar aguardar o momento para investigar. Além disso, a entrevista é uma forma de abordar as questões que o pesquisador necessariamente quer saber, e pode permitir a quem responder expor o que acredita estar certo. Assim, Bispo; Godoy (2014) abordam que a entrevista “uma vez que gravada, a entrevista pode ser ouvida várias vezes, sendo assim mais útil no processo de interpretação e análise” (BISPO; GODOY, 2014, p. 15).

Depois da coleta de dados, Godoy (1995) diz que é o momento de ser realizado o confronto dos dados com as questões que a pesquisa orienta, que é o processo de análise que geram os relatórios. Nesse momento outros autores poderão ser pesquisados durante o desenrolar da metodologia proposta, trazer outras possibilidades que unidas à teoria que rezam os documentos nacionais, podem revelar momentos a vivenciar, não previstos neste plano de trabalho e que podem enriquecer as colocações sobre as práticas escolares, sendo neste caso, na Educação Infantil.

Assim, a proposta foi de uma entrevista através de roda de conversa em dois encontros com os professores. As rodas de conversa aconteceram dentro do

protocolo da COVID-19, para maior segurança de todos os envolvidos, de forma presencial e com hora marcada e ambiente preparado com o devido espaçamento.

Conforme sugere Godoy (1995), a entrevista gravada diante da concordância de todos os participantes, que possibilita futuras consultas, para trazer à análise de dados mais fidelidade às expressões expostas dos professores.

A partir dos dois encontros propostos para as rodas de conversa, foi contemplado um dos objetivos específicos que era de elaborar juntos aos professores um produto educacional em forma de um guia didático com atividades relacionadas à contação de histórias. Essas atividades buscaram contribuir para o ensino e aprendizagem dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”. Os professores e outros profissionais da educação poderão ter acesso a este guia didático, pois aborda práticas de contação de histórias, o que contribui para o trabalho dos professores no ensino dos alunos da Pré-escola.

As perguntas pensadas estão descritas no Apêndice A deste trabalho, mas durante as rodas de conversa estava previsto e era pertinente fazer outras perguntas, pois em uma parte do ano as aulas aconteceram remotamente, via apostilas entregues nas casas dos alunos com explicações diárias pelos professores via WhatsApp e, até o presente momento, as turmas iam à escola de forma escalonada, com parte dos alunos na escola, com atividades presenciais e parte em casa, com as atividades remotas, na forma de revezamento para não haver aglomeração nas salas de aulas. Mas a qualquer momento as aulas poderiam retornar no modo totalmente presencial.

4.2 O AMBIENTE DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil e de Ensino Fundamental EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá” em Presidente Kennedy/ES. Trata-se de uma escola localizada na região Rural, que atende da pré-escola até os anos iniciais do Ensino Fundamental I na proximidade da praia de Marobá no mesmo município. A pesquisa é de natureza qualitativa e tem uma abordagem de estudo de caso que trabalha as práticas dos professores em relação à contação de história e teve como instrumentos, entrevista e duas rodas de conversa.

A entrevista foi o instrumento que possibilitou uma aproximação dos profissionais, permitiu maior flexibilidade pelo fato de estar presente para auxiliar na

explicação das respostas, nesse sentido o autor diz que o entrevistador deve registrar o que foi dito, assim como garantir que a resposta seja completa o suficiente, pois “será ainda conveniente ao entrevistador ser capaz de registrar as reações do entrevistado às perguntas que são feitas. A expressão não verbal do entrevistado poderá ser de grande utilidade na análise da qualidade das respostas” (GIL, 2002, pag. 119).

Para a entrevista foi realizado um contato prévio quando se buscou agendar os encontros. Foi preparado o ambiente de forma a deixar os professores entrevistados bem à vontade e de forma segura, segundo os protocolos da COVID-19, foi utilizada uma das salas que estavam disponíveis e com espaço suficiente para o devido distanciamento.

4.2.1 A escola EMEIEF Pluridocente Barra de Marobá

A escola EMEIEF “Pluridocente Barra de Marobá” fica localizada na cidade de Presidente Kennedy ES em uma comunidade chamada Marobá, próximo à praia, um ponto turístico da cidade.

A escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Presidente Kennedy, através da SEME (Secretaria Municipal de Educação). Historicamente, conforme relatam os moradores mais antigos, a escola teve início com a doação do morador Senhor Guilherme de um barraco de tábuas, concedeu para funcionar a escola. As aulas eram ministradas pela professora Afonsina, em regime unidocente, em um único horário do dia. Ela ficava na comunidade por que não tinha como retornar para casa. Seu trabalho era um ensino baseado nas quatro operações matemáticas, leitura e escrita. Depois foi feita a construção de um prédio escolar e mais mudanças ocorreram até que em 2009, houve a implementação do Ensino Fundamental em nove anos, e a comunidade escolar de Marobá se adequou ao novo contexto, desenvolveu sua grade curricular de acordo com as novas diretrizes da educação, no ano seguinte em 2010, foi ofertada a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Os alunos que não eram alfabetizados, recebiam R\$ 100,00 como incentivo, através da parceria entre a SEME de Presidente Kennedy e o Instituto Paulo Freire X Ferrous, que ofereceu capacitação para os educadores e coordenadores que atuaram na sala de aula.

Essa escola funcionou alguns anos em imóveis alugados pela prefeitura, até mesmo em casas o qual foi motivos muitas vezes de revolta dos moradores da

comunidade e de comunidades vizinhas, pois não oferecia segurança e conforto aos alunos. Esse ano de 2021, foi inaugurada uma escola nova na comunidade, é uma escola grande, de aparência bonita e com estrutura de qualidade.

Ela possui três andares com rampas e escadas que dão acesso ao segundo e terceiro andar, todos os andares acompanhados de banheiros femininos e masculinos, dezesseis salas de aulas espaçosas, com oito no segundo andar e oito no terceiro andar, corredores amplos com boa iluminação.

A EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá” ainda tem uma biblioteca, secretaria, sala de pedagogo, sala de professores, refeitórios e uma cozinha. Todos os espaços são sofisticados e oferece tranquilidade e comodidade aos alunos e funcionários.

A escola ainda é considerada como do campo, por estar localizada em uma área que é rural, mas como é uma comunidade litorânea, Marobá é de forma tradicional pesqueira, onde os moradores se organizam em associação, com pescadores de alto mar, da orla e pescadores ribeirinhos. A história da formação da comunidade conta que a família do proprietário das terras do local fez loteamentos que formam a comunidade onde a escola pesquisada está inserida, dividida em Marobá e Nova Marobá.

4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Professores foram os sujeitos da pesquisa, ao considerar o ensino na fase da pré-escola, onde os alunos estão no ambiente escolar para desenvolver-se mediante as práticas docentes, aprender e devolver suas habilidades, por ser a fase em que a contação de história faz parte do imaginário da criança e por ser uma atividade muito utilizada no dia a dia da escola.

Foram entrevistados quatro professores que também participaram das rodas de conversa. Para as entrevistas, o roteiro foi previamente desenvolvido com foco no objetivo geral e nos objetivos específicos. As rodas de Conversa foram realizadas após as análises das respostas e juntos com os professores, com o objetivo de construir o produto educacional em forma de um guia didático, com atividades relacionadas à contação de histórias vindas das práticas deles, com o intuito de contribuir com o ensino e aprendizagem dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”.

4.4 CONCRETIZAÇÃO DA PESQUISA

A concretização da pesquisa foi através de dois momentos previstos antecipadamente para a entrevista com os professores, que foi gravada depois da autorização de todos os participantes, além de anotações e registros realizados nesse momento. Inicialmente, foi respondido um questionário semiaberto, que deu base para se pensar na primeira roda de conversa.

A observação na estrutura da escola trouxe contribuições ao se pensar nos espaços que a escola oferece para uma boa contação de histórias.

4.5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao compreender essa primeira infância, percebemos que o trabalho educativo deve ser baseado nos interesses das crianças, nesse sentido, a contação de história possibilita contribuir por fazer com que a criança entre no mundo da imaginação e da ludicidade, que pode permear as práticas educacionais com fluidez, pois é importante essa compreensão do desenvolvimento para que o trabalho na Educação Infantil utilize tudo o que envolve a primeira infância.

Assim, podemos dizer que as experiências obtidas nos estágios anteriores são muito importantes para as construções que virão pela frente, depois da fase da primeira infância. Pode-se ainda dizer que quanto mais riqueza de experiências com qualidade voltada para o desenvolvimento da criança, mais construções para o aprendizado ela terá.

A partir dessa perspectiva é que foi pautada a análise dos dados coletados com a pesquisa. Para isso, contou-se com a entrevista às professoras, as rodas de conversas com elas e o levantamento bibliográfico, onde foi possível traçar os diálogos entre teoria e prática, no que tange as práticas relacionadas à contação de história para contribuir com o ensino na Pré-escola.

Assim, após a coleta de dados, os resultados obtidos com a pesquisa foram analisados por meio de análise de conteúdo, fundamentadas por Bardin (2011). É um tipo de análise que para Bardin (2011) é

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

A análise qualitativa de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas para interpretar de forma sistemática o significado que está oculto dos textos, partindo da leitura como meio de produção de dados.

Para tanto, a análise dos resultados foi realizada a partir da análise de conteúdo baseada em Bardin (2011), para obter indicadores diante dos dados coletados, que permitiram chegar às conclusões com base nos objetivos atribuídos à esta pesquisa.

5 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: ANÁLISE DA PESQUISA

Para construir diálogos envolvendo a contação de histórias com o ensino da pré-escola na EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá” foi realizado primeiramente uma pesquisa bibliográfica, para compreender historicamente e em vários aspectos a Educação Infantil e seu público, que são as crianças de 4 a 5 anos. A Educação Infantil, por ser a primeira etapa da Educação Básica tem, de acordo com a BNCC, seus eixos estruturantes as interações e as brincadeiras, que o professor deve articular em suas práticas permeadas pelo lúdico, com base nos objetivos de aprendizagens.

Nesse sentido, esta pesquisa também buscou abarcar o contexto da contação de histórias com a educação, para trazer contribuições da contação de histórias para o ensino na pré-escola, como um recurso imprescindível para o desenvolvimento das crianças em seus aspectos e como contribuição na alfabetização.

Os professores que participaram da pesquisa foram quatro. Esses responderam ao questionário e participaram das rodas de conversa, onde colaboraram com este trabalho no sentido de trazer reflexões acerca de suas práticas com a contação de histórias na pré-escola.

A visita à escola proporcionou uma aproximação com a realidade que a cerca, no que tange à parte pedagógica através do PPP e da parte administrativa, que possibilitou compreensões que apenas as respostas do questionário não contemplariam.

No ensejo, ao refletir sobre as práticas dos professores, foram propostas duas rodas de conversa, como forma de buscar possibilidades nos trabalhos que os professores realizam com a contação de histórias, para compor o produto educacional, previsto nos objetivos específicos, para formar um guia didático composto de contribuições que os professores expuseram nas rodas de conversa. Assim, uma roda foi direcionada a conversas sobre as práticas que suscitaram na pesquisa e outra roda de conversa para os professores ajudarem nas escolhas das práticas.

A partir da ótica do professor, Souza; Oliveira (2019) observam que a contação de histórias agrada tanto professores quanto alunos, por envolver a ludicidade, a interatividade e interpretação pois, permite trabalhar diversas temáticas nas práticas da sala de aula, por isso a autora entende que não deve ser vista apenas como um

momento de entretenimento mas como um potente recurso para desenvolver o aprendizado da criança, principalmente no que diz respeito à formação da criança enquanto futuro leitor.

Para manter o sigilo em relação à identidade das professoras, foram nomeadas como P1, P2 e assim por diante, com a intenção de resguardá-las. As mesmas participaram da roda de conversa, onde fizeram suas exposições das práticas com contação de histórias, que enriqueceram este trabalho.

Através de uma breve identificação no questionário para traçar o perfil dos professores que participaram da pesquisa. Dessa forma foi possível percebermos que todas são do sexo feminino. Das quatro professoras, três têm entre 20 e 25 anos de experiências com a educação, com apenas uma com até 5 anos.

No que diz respeito à formação, por serem professoras da Educação Infantil, apenas duas informaram ter feito alguma formação voltada especificamente para esta etapa, as outras duas fizeram, específicas em Contação de Histórias e a P4 fez uma segunda formação de Literatura na Educação Infantil.

As duas primeiras perguntas dizem respeito à articulação da contação de histórias com as práticas pedagógicas das professoras que inicia por questionar de que forma a contação de histórias está inserida em suas práticas e exemplificar a resposta. A professora P1 relata trabalhar através de sequências didáticas que ela planeja. Já a P2, relata que faz dentro da sala de aula a contação de histórias, que tem que ter objetivos (trabalhar gêneros textuais), além disso, estimular a criança à oralidade e imaginação por isso ela deve ser inserida cotidianamente. A professora P3 diz que “Geralmente a contação de histórias em minha prática acontece em um dia da semana como rotina ou em datas comemorativas. Exemplo: contar a história de como vivem os índios no dia do índio”. E, a P4 diz que costuma contar histórias em vários momentos em sala, “quando estou inserindo uma atividade nova, projetos, etc., por exemplo, quando falo de famílias, animais, vários temas. Utilizo sempre uma história ou permito ouvir do próprio aluno”.

A contação de histórias pode ser incluída em todos os seis direitos de aprendizagens previstos pela BNCC, onde conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se permite provocações, vivências e experiências para construir significados sobre si e sobre as coisas do mundo. Nesse sentido, Bedran (2012) diz que,

Contar histórias como ação pedagógica é também um estímulo as práticas da leitura. As experiências através das narrativas são fundamentais para a formação de leitores, pois todo ouvinte de uma boa história que ele toca profundamente a alma faz uma corrida em direção aos livros, sedento de reencontrar neles impressos sonhos, a emoção e o afeto vivenciados anteriormente durante o “narrar-ouvir-criar” (BEDRAN, 2012, P.110).

Bedran (2012) tem como objetivo que os educadores se inspirem o mesmo se aproprie da prática de contação de história na sala de aula, ela relata em seu livro receber retorno dos seus alunos que se tornaram elementos multiplicadores dessa arte, pois passaram a contar histórias nas salas de aulas e afirmam que essa experiência é rica e transformadora em seu cotidiano pedagógico.

A segunda questão abre questionamento sobre a percepção das professoras sobre a influência da contação de histórias na aprendizagem das crianças, importante reflexão para elas, pois se refere ao resultado das suas práticas na sala de aula. Nesse sentido, elas respondem:

P1: “Ao se familiarizar com a história a criança sente prazer ao realizar as tarefas relacionadas à mesma”;

P2: “As crianças se sentem mais motivadas a ler, escrever. Se interessam pelo mundo dos livros e da escrita”;

P3: “Contar histórias para as crianças também auxilia no desenvolvimento da escuta da oralidade e na percepção de símbolos”;

P4: “A criança passa a ter prazer pela leitura, mais interação, ficam mais perceptivas e observam mais, desenvolvem melhor a oralidade. São momentos que permitem a atenção e a escuta do aluno também”.

Com base nessas respostas, Souza; Oliveira (2019) expressam que ouvir a história estimula a imaginação e trabalha no desenvolvimento de várias habilidades cognitivas, “além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (Souza; Oliveira 2019, p. 3). Assim percebemos que as professoras estão atentas ao resultado que a história que escolheram para trabalhar gera resultados e interesses dos alunos da pré-escola. Cada professora tem sua particularidade em suas práticas e esta pesquisa revela que todas trabalham com este recurso e consideram a contação de histórias como uma ferramenta que colabora para o desenvolvimento das crianças.

A terceira pergunta se refere em como as professoras contam histórias para a sua turma de pré-escola e indaga: Você decora a história ou apenas a lê para as crianças? As respostas foram diversificadas e reforça que de um jeito ou de outro as professoras trazem as histórias para a sala de aula.

A professora P1 diz que às vezes leva as crianças na biblioteca, escolhe um livro com os alunos para ler na sala de aula. É uma forma que tem de diversificar e sair da sala de aula.

Sabe-se que contar histórias não é algo fácil para todos os professores, pois há aqueles que sentem dificuldades em decorar o texto ou utilizar os elementos para trazer o encantamento da história, mesmo assim percebe-se que as professoras não deixam de utilizar esse recurso.

A Professora P2, é a que tem menos tempo de experiência como professora, diz gostar de ler para as crianças apenas.

Nesse sentido reafirmamos o quanto é importante a formação para professores, principalmente quando se promove uma interação e trocas de experiências.

A professora P3 relata que depende do planejamento para ela trabalhar a história e a P4 complementa que não gosta só de ler a história, ela decora às vezes e também gosta de conhecer a história que vai contar.

Vitor; Korbes (2011) mencionam que é importante o professor vivenciar a história ao dramatizar e utilizar meios diferenciados para contar, o que proporciona à criança elevar seu imaginário, pois entende que dessa forma a história infantil traz contribuições para o desenvolvimento da criança.

Com a intenção de saber até onde as professoras se comprometem com o ato de contar as histórias para as crianças, a quarta pergunta é: Utiliza algum adereço ou objetos para contar? As respostas foram todas positivas, onde a P1 relata que se senta com seus alunos no cantinho da sala em uma colcha de retalhos; a P2 utiliza fantoches; a P3 usa fantoches, dedoches, objetos e brinquedos; e a P4 diz que sempre utiliza objetos e livros ilustrados e que aproveita em datas especiais para utilizar adereços.

Souza e Straub (2014) focam em preparar o local e o clima para contar uma história, através de materiais como fantoches e acessórios. Entendem também que é importante que a criança faça parte da história como personagem, pois assim pode interagir e ser estimulada à criatividade e imaginação.

Para complementar a quarta resposta, a pergunta cinco busca saber se as professoras proporcionam momentos para que as crianças também contem histórias ou situações do seu cotidiano para a turma e como o fazem. Pois conforme Souza;

Straub (2014) é importante que esses momentos aconteçam para potencializar o desenvolvimento das crianças.

Nesta questão as respostas foram as seguintes:

P1: “Sim, durante as aulas as crianças podem e devem se sentir à vontade para contar sobre sua vida no dia-a-dia”;

P2: “Sim, pois é essencial quando contamos histórias, dá abertura para a criança expressar-se. Por isso que gosto que as crianças participem neste momento de contação”;

P3: “Preparo um dia da semana separado para contação de histórias e peço que se alguém souber alguma história que goste e queira compartilhar com a turma pode trazer na semana seguinte pra compartilhar”;

P4: “Sim, sempre em rodinhas ou oportunidades para que elas possam escolher o próprio livro que vai contar para os colegas”.

É perceptível que as professoras oportunizam momentos para as crianças também se expressarem, o que torna o momento mais rico e expressivo ainda, pois proporcionam uma troca de experiências entre aluno e professor.

Rodrigues (2012) diz ser importante ver os livros de histórias com valor e reconhecimento, pois entende que a leitura mediada é uma forma de que professor e aluno façam relação com seus conhecimentos pré-concebidos em uma construção educacional, para compartilhar e promover sentidos da realidade. Para a autora, é trazer novas possibilidades de construção de sentidos e de ampliação do vocabulário das crianças.

A sexta questão se refere à articulação do que conta com os objetivos de aprendizagens previstos pela BNCC. As respostas foram todas de forma positiva, onde relatam que as histórias seguem um objetivo ou mais com planejamento, as crianças fazem as crianças fazem atividades referentes à história trabalhada, pois as professoras entendem que é necessária essa articulação para atingir os objetivos previstos nos planejamentos.

Os trabalhos realizados com a contação de histórias podem ser articulados a todos os campos de experiências que a BNCC expõe, ao fazer link com vários objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, cabe aqui citar pelo menos um objetivo de cada campo, que ao depender das práticas propostas pelas professoras, será possível abranger outros.

Os objetivos citados são os voltados para as crianças de 4 a 5 anos e 11 meses, extraídos da BNCC:

“O EU, O OUTRO E O NÓS”: (EI03EO01) Demonstrar empatia pelos outros, perceber que as pessoas têm diferentes sentimentos, necessidades e maneiras de pensar e agir.

“CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS”: (EI03CG02) Demonstrar controle e adequação do uso de seu corpo em brincadeiras e jogos, escuta e reconto de histórias, atividades artísticas, entre outras possibilidades.

“TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS”: (EI03TS01) - Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas.

“ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO”: (EI03EF04) - Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

“ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES”: (EI03ET06) - Relatar fatos importantes sobre seu nascimento e desenvolvimento, a história dos seus familiares e da sua comunidade.

A sétima pergunta do questionário se refere a quais contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento do aprendizado das crianças da pré-escola

As respostas foram variadas, mas de forma positiva:

P1: A ludicidade, o mundo do faz de conta, estão presentes na vida das crianças, quando possibilitamos e apoiamos suas experiências estamos também a reforçar sua autonomia.

P2: Contribui para que a criança tenha percepção visual, oralidade, auxilia na escrita e imaginação.

P3: A contação de histórias na Educação Infantil desperta a curiosidade estimula a imaginação, desenvolve autonomia e o pensamento, proporcionam a vivenciar diversas emoções como medo, angústia, pois ajuda a criança a resolver seus conflitos emocionais.

P4: Estimula a curiosidade e imaginação, proporciona a criança, vivências, emoções e prazer.

Dada a devida importância à pré-escola, compreendemos que é um momento de transformação da criança e que para a formação de seu conhecimento, o professor pode mediar várias experiências e vivências com objetivos e foco no desenvolvimento da criança como sujeito ativo na sociedade e produtor de cultura. Nesse sentido, Piaget (2005) diz que à medida que algo é acrescentado às crianças, o conhecimento se solidifica, o que nos leva a refletir a importância da qualidade das atividades pedagógicas que são preparadas para a sala de aula da pré-escola.

Diante do momento pandêmico que o país vive, a educação teve momentos de trabalho educacional de modo remoto, assim foi oportuno levantar a seguinte questão: No momento de pandemia consegue utilizar a contação de histórias para as crianças? Todas as professoras responderam que “sim”, mas a P4 complementou que durante as aulas remotas utilizou vídeos nos grupos de WhatsApp e livros em arquivo PDF.

A nona e última questão pergunta se as professoras consideram que a Contação de Histórias pode favorecer a Alfabetização e como isso acontece. Essa questão baseia-se nas premissas de Gontijo (2001) para que as crianças sejam alfabetizadas, vai partir da oralidade de textos como histórias e outros gêneros textuais, pois a autora entende que é necessário que as crianças façam registros em atividades, o que colabora para desenvolver os aspectos da alfabetização.

As respostas das professoras foram “sim” para os estímulos da leitura e escrita onde a P3 complementa que “é por meio dela as crianças podem começar a desenvolver a imaginação, criatividade, o gosto pela leitura e pela linguagem, criando empatia com os personagens pontos que a contação de histórias desperta na criança o lado lúdico, característica muito importante para seu desenvolvimento” e a P4 ressalta que através da recontação da história que ouve pode favorecer a alfabetização.

As rodas de conversas ocorreram em dois momentos na semana seguinte em que as professoras responderam os questionários, como forma de se organizar melhor para um momento somente para dedicar às práticas realizadas pelas professoras, no que diz respeito à contação de histórias. Pelo fato de estar ainda em momento pandêmico, onde os devidos cuidados, conforme as normas da COVID-19, com álcool e máscaras protetivas à disposição, assim como seguir com o devido distanciamento, o que permitiu que as professoras se sentissem à vontade e de maneira confortável para os momentos de trocas de experiências.

No primeiro momento, seguindo o roteiro de roda de conversa (conforme Apêndice A) e no segundo momento, a partir do que expuseram, os professores colaboraram para as escolhas das práticas que poderiam compor um guia didático.

A P1 relata que utiliza umas histórias que têm na escola, ela não acha muito legal as histórias não, mas sabe que é importante e necessário trabalhar com elas nessa faixa etária, então dava sempre um jeito de utilizar esses livros. Ela complementa com a seguinte fala: “é bom, sempre gostei de visualização para os alunos, que vejam as imagens para estimular o que a imagem está representando, o

que ela significa”. Mesmo com livros mais antigos, mas ela ainda utiliza algumas histórias como “Chapeuzinho Vermelho”. Agora com uma renovação nos materiais da biblioteca, a P1 diz que terá mais opções e atualizadas para trabalhar em sala de aula com as crianças.

Nesse sentido, ela diz que em seus planejamentos tem as histórias que considera ainda antigas, que são contos de fadas, mas que são coisas necessárias para focar na diversidade, respeito, cuidados, dentre a variedade de coisas que as histórias podem proporcionar para trabalhar.

A P2 relata que trabalha a contação de histórias fora do planejamento que vem da SEME, porque é utilizado no município o material da Aprende Brasil, para ela, são poucas as histórias que contém nesse material, não deixa de ter, mas ela acaba por complementar com outras histórias. Para ela, o material da Aprende Brasil é muito rico e diversificado, mas que contém bem poucas histórias a contar, o que as outras professoras também concordam e relatam que complementam algumas coisas com as histórias que já estão acostumadas. A P2 lembra que neste material trabalhou o conto de fadas “Cinderela” de uma forma diferente com vários tópicos, mas que sente que é um trabalho diferente do que já estava acostumada e que o material traz já traçado todos os objetivos que pode ser desenvolvido com cada atividade proposta. A história que ela traz a história “Arapuca”, de Daniel Cabral.

A professora P3 traz o livro da história do “Pinóquio” e relata que: “acho esse livro muito interessante para trabalhar os valores, o respeito aos pais, à família, a importância dos princípios, de não mentir, as consequências da mentira, e outros”. Ela relata que esse livro faz parte quando quer trabalhar os valores.

Mostra também o livro “Patinho Feio” que aborda valores, que mais trabalha a diversidade, que uma vez fez até um projeto com essa história, pois formou um teatro com as crianças, onde elas se vestiram para se apresentar. Trabalhar a diversidade é muito importante. Ela relata ser importante trabalhar a diversidade, mas entende que também é necessário inovar, que gosta de papel, não do digital, para ela o contato com o livro de papel pode estimular mais o gosto pela leitura do que o mundo digital. Ela também percebe que o material que chegou à escola tem uma diversidade de livros e formatos de livros diferentes, onde percebe que as crianças interagem mais com esses livros porque chamam mais atenção, principalmente os livros sensoriais, ela relata que esses são os mais utilizados.

A professora P4 traz um trabalho interessante com a história “Lila e o Segredo da Chuva”. Ela relata que esta história traz uma diversidade de atividades que podem ser trabalhadas interdisciplinarmente, onde Lila mora em um país Africano e descobre o segredo da chuva através da história que seu avô lhe conta. “Como a personagem mora em um lugar que quase nunca chove, e nós moramos em lugar chuvoso, é possível trabalhar fenômenos da natureza, tipos de moradia, preservação do meio ambiente, cuidados com água e respeito às diferenças”. A P4 relata que com essa história realiza experiência de como a chuva acontece, aborda sobre as estações, os tipos de casa, preservação da natureza, modos de vida e de se vestir diferentes dos povos, dentre outros como o fato de que Lila ouviu a história que seu avô contou.

Utilizar a contação de histórias como recurso didático na sala de aula, torna-se essencial no ensino da Pré-escola no que tange o desenvolvimento das múltiplas dimensões da criança, pois permite ao professor tornar sua aula mais lúdica e a aguçar o gosto pela leitura e escrita.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

A Educação Infantil compreende a primeira etapa da Educação Básica a partir da Carta Constitucional de 1988, foi incluída a creche e a pré-escola, especificamente no artigo 208, o inciso IV: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). Até então as instituições funcionavam como creches, vinculadas à Assistência Social, passa a ser considerada do âmbito educacional como trabalhos voltados para o aprendizado da criança, conforme discorre Paschoal; Machado (2009), que mencionam que vários setores da sociedade se mobilizaram na década de 80 com o intuito de sensibilizar os parlamentares a um novo olhar sobre a garantia dos direitos da criança à educação, por isso foi incluída na Constituição de 1988.

Dessa data pra cá, muitas mudanças ocorreram na Educação, conseqüentemente a Educação Infantil começa a receber um olhar diferenciado pelos profissionais da Educação e das políticas educacionais, que além de garantir os direitos, norteou o trabalho nesta etapa da Educação, agora considerada a primeira Etapa da Educação Básica e o conceito de criança é exposto como,

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

As Diretrizes Nacionais Comuns Curriculares da Educação Básica, em 2013, incluem a Educação Infantil como forma de garantir uma Educação de Qualidade, pois entendem esta etapa como a base do trabalho educacional, como preparação para o Ensino Fundamental. Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vigora como um norteador que, baseado no conceito de criança citado acima, está estruturada de forma a abarcar o desenvolvimento da criança em todos seus aspectos: cognitivo, físico, afetivo e social, de acordo com muitas premissas postas nas Diretrizes Nacionais Comuns Curriculares da Educação Básica.

Para a Educação Infantil está previsto um trabalho voltado para o cuidar e o educar de forma indissociável por atender a crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, conforme a BNCC (BRASIL, 2017), dividido em dois grupos: creche, de 0 a 3 anos e 11 meses e pré-escola, de 4 a 5 anos e 11 meses. Por serem crianças muito

pequenas, esta etapa tem suas especificidades, como os eixos estruturantes que devem nortear o trabalho do professor, que são o brincar e as interações, que devem estar presentes no aprendizado das crianças, através de atividades lúdicas conforme a BNCC expõe.

Nesse contexto das interações e brincadeiras, Piaget (2005) faz importantes revelações sobre o desenvolvimento das crianças, pois compreende que as transformações que ocorrem provenientes do início da socialização além de serem importantes para a inteligência e para o pensamento, tem uma repercussão profunda na vida afetiva. “Nunca há ação puramente intelectual (sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de um problema matemático, interesses, valores, impressão de harmonia, etc.), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão)” (PIAGET, 2005, p. 35).

Para Piaget (2005) existem aqueles que se interessam mais pelas pessoas do que pelas coisas ou abstrações, enquanto outros são o inverso disso. O autor destaca que a no desenvolvimento um aspecto considerado elementar é o interesse, que para ele é o prolongamento das necessidades, por isso o autor acredita que um trabalho escolar baseado nos interesses rende infinitamente melhor (PIAGET, 2005, p. 35).

Diante disso, o planejamento dos professores precisa estar articulado com a BNCC, de forma a proporcionar as experiências e vivências dentro de um ambiente acolhedor. A BNCC traz possibilidades de utilizar vários recursos que promovam estímulos e aprendizados para as crianças, e permite que elas acessem o lúdico através das atividades. Benedet (2011) defende que está inserido no contexto da ludicidade, o faz de conta, onde o autor deixa claro que o lúdico é um elemento abraçado pelas fantasias e imaginação, que pode ser utilizado para o desenvolvimento da aprendizagem, pois entende que “recrear é educar, pois nos dá a possibilidade de criar, inventar, nos oferece ricas possibilidades culturais” (BENEDET, 2011, p. 25).

Para Freire (2003), é necessário ter consciência de que ensinar não é transferir conteúdos e conhecimentos, mas proporcionar possibilidade para a construção, pois nesse sentido, a BNCC visa promover o desenvolvimento do aluno de forma integral, a Educação Infantil deve abranger os campos de experiências descritos por esse documento e os objetivos de aprendizagem que cada campo contempla. Nesse sentido a BNCC diz que:

Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir (BRASIL, 2017, P. 15).

Enquanto professora da Educação Infantil, mais especificamente da pré-escola, concordamos com a necessidade de abranger todos os objetivos de aprendizagem, para que a criança tenha seu pleno desenvolvimento e trazer possibilidades que promovam interesse nas crianças em participar das atividades, interagir com seus pares, experimentar várias vivências lúdicas contextualizadas com sua realidade, recheadas de conhecimentos que possivelmente serão utilizados nos anos seguintes.

Em vista disso, a contação de histórias é um recurso carregado de possibilidades educativas e se torna alicerce deste trabalho, que depois de compreender a Educação Infantil e suas especificidades, apresento como forma de potencializar o trabalho com as crianças. Pois os estímulos que uma contação de histórias pode proporcionar são inúmeros, pois é um recurso que permite ao professor utilizar vários tons de voz, vários objetos e muitos movimentos conforme a história, para enriquecer o momento. É uma forma que o professor tem de contribuir para que a criança tome gosto pela leitura. É assim que Sisto (2012) aborda a importância da preparação, traz considerações importantes no preparo da voz, dos gestos, dos movimentos, que permitem ao ouvinte envolver-se na trama da história. O autor diz que quando uma história é bem contada, permite ao ouvinte ainda ficar imerso no clima da história por um tempo, um clima que a história despertou. Se isso acontece com adultos, imagine com as crianças onde a imaginação flui em todo momento (SISTO, 2012, p. 147, 148).

A relevância do ato de contar histórias é o contato com o universo da escrita, que segundo Gontijo (2001), pois ela defende que as crianças, mesmo muito pequenas, já compreendem que a linguagem escrita, representa a linguagem oral. Nesse sentido, é um potencial para o início da alfabetização, onde na Educação Infantil pode usar como oportunidade de mergulhar no mundo da imaginação e fazer relações com sua realidade.

Cada história vem carregada de conhecimento e informações sobre coisas, pessoas, lugares, músicas, animais, movimentos e tantas outras coisas que, conforme

contadas, mexem com o imaginário de qualquer um. Nesse sentido, Bedran (2012) deixa claro que uma imaginação sempre estimulada, permite à criança dialogar com sua cultura, onde contador e ouvinte podem partilhar uma experiência em comum. Para a autora, contar histórias na sala de aula é uma forma de estimular as crianças à prática da leitura.

Assim, ao pensar em uma educação transformadora, a proposta do produto educacional está direcionada nas contribuições que a contação de histórias pode trazer para o desenvolvimento das crianças da pré-escola. Matos (2014) acorda que a escola é um espaço de formação, pois obtém na palavra do contador de histórias uma fonte inesgotável de recursos, pois para a autora, contar histórias é convidar a brincar com os próprios pensamentos, é mostrar “um mundo fantástico, de maravilhas e imprevistos, que sutilmente nos remete ao nosso próprio ser, com tudo que isso possa significar” (MATOS, 2014, p. 23).

Ao considerar toda a contextualização da contação de histórias com o trabalho educacional com a pré-escola, como produto educacional, um guia didático será construído à partir dos dois momentos previstos com os professores onde acontecerá uma entrevista em forma de roda de conversa primeiramente com intuito de refletir sobre a contação de histórias nas práticas educacionais e depois para elaborar juntos aos professores um produto educacional em forma de um guia didático com atividades didáticas relacionadas à contação de histórias que busquem contribuir para o ensino e aprendizagem dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”. Este guia é de cunho pedagógico, para que possa ser acessado pelos professores e outros profissionais da educação que tenham interesse.

Assim, este trabalho se justifica pela vivência em tempos de evolução tecnológica, onde as crianças estão cada vez mais preza aos aparelhos eletrônicos, o qual os mesmos não os impulsionam a imaginar, pensar, entrar no mundo imaginário e acabam que muitas vezes se frustram com o seu mundo encantado e crescem em um mundo com uma realidade difícil. Dessa forma, é notória a importância da valorização da contação de histórias nas escolas, como suporte para as aprendizagens, percebe-se que as crianças sentem essa necessidade em “viajar” num mundo imaginário e mais divertido.

6.1 ORGANIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Em decorrência desta pesquisa, foi elaborado junto aos professores, através de duas rodas de conversas, um guia didático com atividades relacionadas à contação de histórias como produto educacional que partiu das próprias professoras entrevistadas, com ideias e sugestões de atividades que possibilitem ser incluídas nas práticas dos professores e servir de estímulos para o desenvolvimento das crianças da pré-escola.

As atividades que compõem esse material foram extraídas nas rodas de conversa com as professoras, que fizeram colocações que contribuíram para a formulação deste trabalho, com variedades de possibilidades para contar histórias e trabalhar vários aspectos do desenvolvimento das crianças seja no cognitivo, no afetivo, no físico ou no aspecto social.

Além de contribuições com atividades pedagógicas, o guia didático apresenta aporte teórico de autores que formam a base deste trabalho e são referências no que diz respeito ao desenvolvimento da criança da pré-escola e sobre a importância da contação de histórias para o ensino das crianças da Educação Infantil, que está detalhado no Apêndice B

O título do guia didático é **Possibilidade de histórias e atividades para contar na Pré-escola**, que contém atividades sugeridas pelos professores na roda de conversa, articuladas aos objetivos de aprendizagens dos campos de experiências que a BNCC apresenta como norteamento.

As histórias com as atividades estão organizadas separadamente de forma simples e de fácil compreensão para facilitar entendimento o acesso ao que se procura.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos nos aproximar de práticas educacionais, para melhor aproveitamento do recurso de contação de histórias, pois para muitas crianças, as atividades da sala de aula são a única forma de ter contato com livros. O desenvolvimento educacional das crianças pequenas está muito relacionado às experiências e vivências que os professores lhes proporcionam. A contação de histórias é um recurso em potencial neste processo de desenvolvimento, onde várias são as possibilidades que podem ser extraídas das mais diversas histórias, pois cada uma traz símbolos e significados em seu contexto, que podem ser explorados com as crianças e a partir de sua curiosidade.

Contar uma história permite momentos lúdicos únicos da professora com as crianças, momentos de encantamento, alegria e conhecimentos que podem ser estimulados através de outras vivências a partir do que se conta e dos objetivos traçados no planejamento. Além disso, o contato com as histórias e com os livros permitem às crianças terem acesso ao mundo da leitura e escrita, estimula o gosto pela leitura, com possibilidade de formar futuros leitores.

Assim, entende-se que o contato com os livros e as histórias neles contidas, deve ser um contato de qualidade, deve trazer à tona o pensamento, a imaginação, a curiosidade e o interesse por saber mais. Nesse sentido, a BNCC frisa a importância de trabalhar a criança de forma integral, abrange todos os seus aspectos, no que diz respeito ao cognitivo, físico, afetivo, social, emocional dentre outros, a contação de história pode proporcionar um trabalho amplo e desenvolver a criança ao prepará-la para os anos seguintes.

Os resultados desta pesquisa demonstraram que a contação de histórias é importante para o ensino na pré-escola, pois com ela há possibilidades de potencializar o desenvolvimento das crianças, a partir de atividades mediadas pelo professor e ao abraçar a ludicidade, para permitir que a imaginação flua.

As contribuições das professoras denotaram que a contação de histórias precisa permear os planejamentos das atividades para a Educação Infantil, pois percebemos que através deste recurso as propostas são ampliadas e enriquecidas com conhecimentos de forma lúdica e prazerosa.

Ao promover as práticas, as professoras percebem que gera o interesse quando utilizam a contação de histórias e que, dessa forma, colaboram para o

desenvolvimento das crianças, pois a partir do interesse a participação nas atividades é mais efetiva.

Ao refletir sobre as práticas no desenvolvimento do aprendizado, é com propriedade que afirmamos que a contação de histórias enriquece as aulas e transforma o fazer pedagógico para a Educação Infantil que deve ter como base as brincadeiras e as interações.

É dessa forma que os professores devem se apropriar desse recurso e oportunizar aos alunos vivências diversificadas, para que sintam prazer em aprender e ingressem no mundo da leitura e escrita. Há várias formas de se contar histórias e cada professor pode fazer isso da forma como melhor se sentir.

As histórias são compostas de conhecimentos que permitem noções de tempo e espaço, de lugares diferentes, do real e do abstrato, de pessoas e de objetos, dentre tantas outras coisas que podem ser articuladas com os objetivos de desenvolvimento e aprendizagens que a BNCC carrega para nortear o trabalho do professor. Assim, concluímos que os professores podem utilizar a contação de histórias para enriquecer o aprendizado das crianças e recheá-las com suas atividades de ludicidade e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Emilly Átila de Oliveira. **Contação de Histórias na Educação Infantil e Teoria da Mente**: um estudo de intervenção com atribuição de estados mentais com crianças de 3 a 5 anos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro, LTC, 1981.

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**. Narrativas Oraís e Processos Criativos. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

BENEDET, Jaison Casagrande. **Atividades Lúdicas e as Contribuições para a Educação Infantil** Universidade Do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma - SC, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Último Acesso em: 20/04/2020. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília MEC/SEB/DICEI, 2013.

Brasil. **Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASÍLIA. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília, 1998.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. (Volumes 1, 2, 3).

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. PNE, **Plano Nacional de Educação. 2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 117/1998. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC/CNE, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BISPO, Marcelo de Souza; GODOY, Arilda Schmidt; **Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos Organizacionais** revista de administração da UNIMEP. V.12, n.2, maio/agosto – 2014. Acesso em: 09 jul. 2021.

CARDOSO, Ana Lúcia Sanches; FARIA, Moacir Alves de. **A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação**. FAC-São Roque, 2016 Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v6-2016/ARTIGO-ANA-LUCIA-SANCHES.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

CAVALCANTE, D. C; SOLFA, Milene Rochet da Silva. **A utilização dos contos de fadas com crianças em processo de alfabetização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católica Salesiano. Lins, 2012.

COELHO, B. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

DINIZ, Taisa Barcelos Claudino. **A contação de histórias e sua influência no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira 2013.

FARIA, Ingrid Graciele de; FLAVIANO, Sebastiana de Lourdes Lopes; GUIMARÃES, Maria Severina Batista; FALEIRO, Wender. A influência da contação de histórias na Educação Infantil. *Mediação*, Pires do Rio - GO, v. 12, n. 1, p. 30-48, jan.- dez. 2017.

FARIA, Ingrid Graciele de. (Org.). **A influência da Contação de Histórias na Educação Infantil**. Pires do Rio. GO, 2017

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^o Ed. São Paulo. Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas / EAESP / FGV, São Paulo, Brasil 1995.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes. **O processo de apropriação da linguagem escrita em crianças na fase inicial de alfabetização escolar**. 2001. 291 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

GUBANY, Lucilene Mendonça. **Teoria da Mente e Contação de Histórias: intervenção com crianças pré escolares**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2019.

MATOS, Gislaine Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias: Sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade**. 2^a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

MEC. Ministério da Educação. **Guia de Implementação da Base Nacional Comum Curricular**: Orientações pra o processo de implementação. Brasília - DF, 2018.

O Pacto pela Aprendizagem no Espírito Santo (PAES). Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/paes>. Acesso em> 13/10/2019 .

PAIVA, Maria Beatriz Facciolla. **Os contos de fadas**: suas origens históricos culturais e implicações psicopedagógicas para crianças em idade pré-escolar. Fundação Getúlio Vargas, RJ 1990.

PASCOAL; MACHADO UEM. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124> acesso em: 05/06/2021

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 136p. 24ª reimpressão 2005.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; RIBEIRO, Nathalie Nehmy; CUNHA, Priscila Campos. **Leitura Mediada com Enfoque Sociocognitivo**: Avaliação de uma Pesquisa-Intervenção. Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. 2012

Semana Nacional dos Contadores de Histórias – Fabiano Moraes.”1 vídeo” (14 min). Publicado pelo canal Joca - Um Contador de Histórias. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDwGSHHeCmc&t=1s>. Acesso em: 11/10/2019.

SANTANA, Keila Cristina Alves. **A importância da contação de histórias na Educação Infantil**. Faculdade Nossa Senhora Aparecida, FANAP. Goiás 2018.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 12, p. 132 – 148, ago. 2009.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3 ed. Belo Horizonte : Aletria, 2012.

SILVA, Ivanilza Pereira da; DIAS Francisco José da Silva; OLIVEIRA, Mônica de Fátima Guedes de. **A contação de histórias da Educação Infantil**. IV Congresso Nacional de Educação. 2019. Acesso em: 25, jul 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_S A9_ID13267_02102019163601.pdf

SOUZA, Franciele Ribeiro de; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. A arte de contar histórias na Educação Infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**. v.5, n.2 (11ª. ed.), número regular, p. 122 - 131, jun./jul. 2014.

SOUZA, Talita Cristina de Oliveira; OLIVEIRA, Jônatas Andrade de. **Breve análise da contribuição da contação de história na Educação Infantil sob a visão do professor**. 2019. Acesso em: 22 jun. 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_S A9_ID8290_15092019171657.pdf

SOUZA, Aline Macedo de; Odair Benedito, FRANCISCO. **Contação de histórias: um recurso pedagógico no desenvolvimento da linguagem.** Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE, Presidente Prudente, SP 2017.

UNDIME. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação; Movimento Pela Base. **BNCC na Educação Infantil. Orientações para gestores municipais sobre a implementação dos currículos baseados na Base em creches e pré-escolas.** BRASIL 2019.

UNDIME. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação; Movimento Pela Base. **Parâmetros Nacionais da Qualidade da Educação Infantil: Apoiando contextos de interações, brincadeiras e linguagens promotores das aprendizagens e desenvolvimento das crianças de 0 a 5 anos.** BRASIL 2020. Disponível em <https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2020/07/fl-paraxxmetro-13-07.pdf>. Acesso em: 25 de jul/2021.

VICENTE, Eliane Pereira. **O imaginário nos contos de fadas: uma análise de dois contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm.** Florianópolis, 2014.

VITOR, Elinete Cordeiro; KORBES, Lenita Maria. A contação de histórias na Educação Infantil. **Revista Eventos Pedagógicos.** v. 2, n. 1 (2ª. ed. rev. e aum.), p. 92-100, jan./jul. 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA RODAS DE CONVERSA

Roteiro das Rodas de Conversa com professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”, com objetivo de suscitar as principais práticas pedagógicas que os professores utilizam contação de histórias e buscar elencar propostas de práticas que tornem o processo de aprendizado mais prazeroso para as crianças, que constituirá parte do produto educacional. As respostas da entrevista, organizadas através de um questionário semiaberto, colaborou com o Roteiro básico em questão.

- A influência da Contação de Histórias na aprendizagem das crianças.
- Contribuições para a Alfabetização.
- Citar uma história que já utilizou na sala de aula e como ela foi trabalhada, quais atividades foram desenvolvidas à partir delas?

FVC - Faculdade Vale do Cricaré
Programa de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação

Roteiro de Entrevista para a professora regente Pré I e Pré II

1) Gênero:

Masculino Feminino

2) Tempo de serviço

Menos de 5 anos De 5 a 10 anos De 10 a 15 anos

De 16 a 20 anos De 21 a 25 anos Mais de 26 anos

3) Tem algum tipo de formação específica na área da literatura na Educação Infantil? Se sim, qual?

Sim _____

Não

1 - De que forma a contação de histórias está inserida em suas práticas? De exemplos.

2 – Quando utiliza as histórias, como você percebe a influência desse recurso nas aprendizagens das crianças?

3 - Você decora a história ou apenas a lê para as crianças?

4 - Utiliza algum adereço ou objetos para contar?

5 - Você proporciona momentos para que as crianças também contêm histórias ou situações do seu cotidiano para a turma? Conte-me como faz.

6 – Você articula a história que conta com os objetivos de aprendizagens?

7 – Em sua opinião, como a contação de histórias nas práticas pode contribuir para o desenvolvimento do aprendizado das crianças da pré-escola?

8 - Nesse momento de pandemia consegue utilizar a contação de histórias para as crianças?

9 – Considera que a Contação de Histórias pode favorecer a Alfabetização? Como?

APÊNDICE B - PRODUTO EDUCACIONAL

VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE
MARILUZA SARTORI DEORCE

Possibilidades de histórias e atividades para contar na pré escola

Faculdade Vale do Cricaré



**VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE
MARILUZA SARTORI DEORCE**

2021



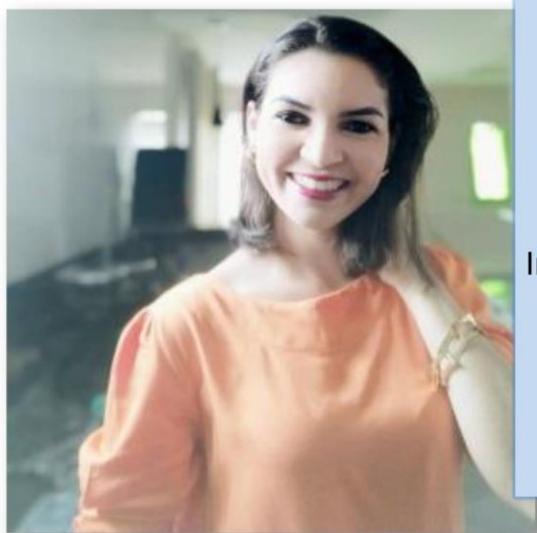
AUTORIA: VIVIANE SANTIAGO DE
JESUS LEITE

ORIENTADORA: DRA. MARILUZA
SARTORI DEORCE

CURSO: MESTRADO
PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE
VALE DO CRICARÉ





**VIVIANE SANTIAGO DE
JESUS LEITE**

Graduada em Pedagogia .
Licenciada pela Universidade
de Uberaba (UNIUBE),
Professora da Educação
Infantil, Coordenadora da CMEI
“Liane Quinta” em Presidente
Kennedy/ES, Mestranda em
Educação, Ciências e
Tecnologia pela Faculdade
Vale do Cricaré.



**DRA. MARILUZA SARTORI
DEORCE**

Graduada em Geografia e
Doutora em Educação –Currículo
pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC-SP),
Professora Titular do Instituto
Federal do Espírito e membro
permanente no Programa de
Mestrado Profissional do Ensino
em Humanidades do IFES e do
Programa de Mestrado
Profissional em Ciência,
Tecnologia e Educação da
Faculdade Vale do Cricaré-ES.

APRESENTAÇÃO

Enquanto professora da Educação Infantil, mais especificamente da pré-escola, concordamos com a necessidade de abranger todos os objetivos de aprendizagem, para que a criança tenha seu pleno desenvolvimento e de trazer possibilidades que promovam interesse nas crianças em participar das atividades, interagir com seus pares, experimentar várias vivências lúdicas contextualizadas com sua realidade, recheadas de conhecimentos que possivelmente serão utilizados nos anos seguintes.

Em vista disso, a contação de histórias é um recurso que trás em seu bojo diferentes possibilidades educativas e se torna alicerce deste trabalho, que depois de compreender a Educação Infantil e suas especificidades, apresento como forma de potencializar o trabalho com as crianças. Pois os estímulos que uma contação de histórias pode proporcionar são inúmeros, pois é um recurso que permite ao professor utilizar vários tons de voz, vários objetos e muitos movimentos conforme a história, para enriquecer o momento. É uma forma que o professor tem para contribuir para que a criança tome gosto pela leitura, já que é notório a importância da valorização da contação de histórias nas escolas, como suporte para as aprendizagens, percebe-se que as crianças sentem essa necessidade em “viajar” num mundo imaginário e mais divertido.

Assim o trabalho de Dissertação intitulado “Contribuições da Contação de Histórias para o Ensino na Pré-escola”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, considera toda a contextualização da contação de histórias com o trabalho educacional com a Pré-escola.



APRESENTAÇÃO

Como produto educacional, fruto desta pesquisa, este guia didático foi construído a partir de dois momentos previstos com os professores, no qual através de uma entrevista, em forma de roda de conversa, 5 professores expuseram suas colaborações com práticas de contação de histórias que já realizam na sala de aula. Primeiramente, foi com o intuito de refletir sobre a contação de histórias nas práticas educacionais e depois para elaborar juntos aos professores o produto educativo em forma de um guia didático com atividades didáticas relacionadas à contação de histórias que busque contribuir para o ensino e aprendizagem dos alunos da Pré-escola EMEIEF Pluridocente “Barra de Marobá”.

Este guia possui cunho didático, com intuito de que possa ser acessado pelos professores e outros profissionais da educação que tenham interesse de incluir nas suas práticas e servir de estímulos para o desenvolvimento das crianças da pré-escola.

O título do guia didático é “Possibilidades de histórias e atividades para contar na Pré-escola”, que irá conter atividades sugeridas pelos professores na roda de conversa, articulados aos objetivos de aprendizagens dos campos de experiências que a BNCC apresenta como norteamento.



SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| <i>Capítulo 1: A Educação Infantil</i> | 06 |
| <i>Capítulo 2: No contexto da contação de histórias</i> | 09 |
| <i>Capítulo 3: O que contar para as crianças na pré-escola</i> | 11 |
| <i>Capítulo 4: Metodologia</i> | 13 |
| <i>Capítulo 5: Possibilidades de histórias e atividades para contar na pré-escola</i> | 14 |
| <i>Considerações Finais</i> | 23 |
| <i>Referências</i> | 25 |



CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO INFANTIL



A Educação Infantil compreende a primeira etapa da Educação Básica à partir da Carta Constitucional de 1988, foi incluída a creche e a pré-escola, especificamente no artigo 208, o inciso IV: “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988). Até então as instituições funcionavam como creches, vinculadas à Assistência Social, passa a ser considerada do âmbito educacional como trabalhos voltados para o aprendizado da criança, conforme discorre Paschoal e Machado (2009), que menciona que vários setores da sociedade se mobilizaram na década de 80 com o intuito de sensibilizar os parlamentares à um novo olhar sobre a garantia dos direitos da criança à educação, por isso foi incluída na Constituição de 1988.

Dessa data pra cá, muitas mudanças ocorreram na Educação, conseqüentemente a Educação Infantil começa a receber um olhar diferenciado pelos profissionais da Educação e das políticas educacionais, que além de garantir os direitos, norteou o trabalho nesta etapa da Educação, agora considerada a primeira Etapa da Educação Básica e o conceito de criança é exposto como:

[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

As Diretrizes Nacionais Comuns Curriculares da Educação Básica em 2013 inclui a Educação Infantil como forma de garantir uma Educação de Qualidade, pois entende esta etapa como a base do trabalho educacional, como preparação para o Ensino Fundamental. Atualmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) vigora como um norteador que, baseado no conceito de criança citado acima, está estruturada de forma a abarcar o desenvolvimento da criança em todos seus aspectos: cognitivo, físico, afetivo e social, de acordo com muitas premissas postas nas Diretrizes Nacionais Comuns Curriculares da Educação Básica.

Para a Educação Infantil está previsto um trabalho voltado para o cuidar e o educar de forma indissociável por atender à crianças de 0 a 5 anos e 11 meses, conforme a BNCC (BRASIL 2017), dividido em dois grupos: creche, de 0 a 3 anos e 11 meses e pré-escola, de 4 a 5 anos e 11 meses. Por serem crianças muito pequenas, esta etapa tem suas especificidades, como os eixos estruturantes que devem nortear o trabalho do professor, que são o brincar e as interações, que devem estar presentes no aprendizado das crianças, através de atividades lúdicas conforme a BNCC expõe.

Nesse contexto das interações e brincadeiras, Piaget (2005) faz importantes revelações sobre o desenvolvimento das crianças, pois compreende que as transformações que ocorrem provenientes do início da socialização além de serem importantes para a inteligência e para o pensamento, tem uma repercussão profunda na vida afetiva. “Nunca há ação puramente intelectual (sentimentos múltiplos intervêm, por exemplo: na solução de um problema matemático, interesses, valores, impressão de harmonia, etc.), assim como também não há atos que sejam puramente afetivos (o amor supõe a compreensão)” (PIAGET 2005, p. 35).

Para Piaget (2005) existem aqueles que se interessam mais pelas pessoas do que pelas coisas ou abstrações, enquanto outros são o inverso disso. O autor destaca que a no desenvolvimento um aspecto considerado elementar é o interesse, que para ele é o prolongamento das necessidades, por isso o autor acredita que um trabalho escolar baseado nos interesses rende infinitamente melhor (PIAGET 2005, p.35).

Diante disso, o planejamento dos professores precisa estar articulado com a BNCC, de forma a proporcionar as experiências e vivências dentro de um ambiente acolhedor. A BNCC trás possibilidades de utilizar vários recursos que promovam estímulos e aprendizados para as crianças, ao permitir que elas acessem o lúdico através das atividades. Benedet (2011) defende que está inserido no contexto da ludicidade, o faz de conta, onde o autor deixa claro que o lúdico é um elemento abraçado pelas fantasias e imaginação, que pode ser utilizado para o desenvolvimento da aprendizagem, pois entende que “recrear é educar, pois nos dá a possibilidade de criar, inventar, nos oferece ricas possibilidades culturais”. (BENEDET, 2011, p. 25).

Para Freire (2003), é necessário ter consciência de que ensinar não é transferir conteúdos e conhecimentos, mas proporcionar possibilidade para a construção, pois nesse sentido a BNCC visa promover o desenvolvimento do aluno de forma integral, onde a Educação Infantil deve abranger os campos de experiências descritos por esse documento e os objetivos de aprendizagem que cada campo contempla. Nesse sentido a BNCC diz que:

Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir (BRASIL 2017, p. 15).

É uma forma que o professor tem para contribuir para que a criança tome gosto pela leitura. É assim que, Sisto (2012) aborda a importância da preparação, ao trazer considerações importantes no preparo da voz, dos gestos, dos movimentos, que permite ao ouvinte envolver-se na trama da história.

CAPÍTULO 2

NO CONTEXTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS



Sisto (2012) ao se referir à preparação para a contação de histórias diz que quando uma história é bem contada, permite ao ouvinte ainda ficar imerso no clima da história por um tempo, um clima que a história despertou. Se isso acontece com adultos, imagine com as crianças onde a imaginação flui em todo momento.

A relevância do ato de contar histórias é o contato com o universo da escrita, que segundo Gontijo (2001), pois ela defende que as crianças, mesmo muito pequenas, já compreendem que a linguagem escrita, representa a linguagem oral. Nesse sentido, é um potencial para o início da alfabetização, onde na Educação Infantil pode usar como oportunidade de mergulhar no mundo da imaginação e fazer relações com sua realidade.

CAPÍTULO 3

O QUE CONTAR PARA AS CRIANÇAS DA PRE-ESCOLA?



As histórias para serem contadas às crianças e elas devem conter alguns elementos que são primordiais para que a criança quando ouvir, experimente prazer, curiosidade e necessidade de retornar à história, conforme menciona Sisto (2012) e acrescenta, que apenas a história em si não garante o sucesso do momento da contação. Esses elementos envolvem o tom de voz conforme o personagem, gestos e o olhar que podem trazer à tona toda a emoção que a história pode transmitir. Para isso é necessário conhecer a história e se preparar, pois deve ser uma história adequada à idade e ao público.

Quando se conta uma história, começa a se abrir espaço para o pensamento Mágico. A palavra, com seu poder de evocar imagens, vai instaurando uma ordem mágico-poética, que resulta do gesto sonoro e do gesto corporal embalados por uma emissão emocional, capaz de levar o ouvinte a uma suspensão temporal. Não é mais o tempo cronológico que interessa e, sim, o tempo afetivo. Ele é o elo da comunicação. Contar histórias é um meio de comunicação ancestral (SISTO, 2012, p. 32).

Para Sisto (2012), escolher o quê contar sempre é difícil, pode ser um conto, uma fábula, uma lenda, um mito, uma novela, ou ainda um romance. Pois para o autor, quem está a contar a história precisa criar uma cumplicidade entre história e o ouvinte, com possibilidades para o ouvinte se envolver e recriar e complementa que quem conta não deve ser um repetidor mecânico do que escolheu contar, mas ao instaurar um momento lúdico pode gerar uma expectativa que não mais a de cobrança, mas a do encantamento e imaginação.

Com relação à idade, Matos (2014) menciona que antes dos dois anos, o ideal para as crianças são as canções e cantigas e que “por volta de dois anos e meio a três anos, a criança já é capaz de escutar uma história e imaginar os personagens e os objetos” (MATOS 2014, p. 32), momento em que a criança faz correspondência das palavras com o que representa não só os objetos, mas o que ele representa e suas características comuns.

Matos (2014) percebe que, com a inserção de vocabulários diferenciados, a criança toma consciência de espaço e tempo e que deve perceber onde ela se encontra, de um lugar a outro. A autora discorre que:

As histórias nos falam disso, um espaço e um tempo que não são os nossos, outro espaço temporal que aparece, que alguma forma, como fora do tempo e fora do espaço, mas no qual a criança penetra facilmente, seguindo os heróis com quais se identifica o conto ajuda a criança a construir uma visão mental desses lugares aonde ela nunca foi e que não existem (MATOS 2014, p. 35).

Nesse sentido, pode-se perceber que a contação de histórias é um recurso em potencial na sala de aula, para o desenvolvimento da linguagem, para a percepção no tempo e no espaço e como consequência, desenvolver a identidade da criança. A forma como é conduzida a história e as atividades é possível inferir um infinidade de aproveitamentos nos diversos aspectos da criança através da ludicidade, imaginação e criatividade que uma história pode proporcionar.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA

Este guia está organizado de forma a apresentar algumas contribuições da contação de histórias para professores da Educação Infantil, com um conteúdo inicial no que diz respeito à contação de histórias.

Este trabalho contempla formas do professor se preparar para contar uma história ao acessar o imaginário das crianças e abordar elementos importantes que não podem faltar em uma boa contação. Portanto, foi preparado um conteúdo de forma simplificada, mas com a relevância de conhecimentos importantes para um bom proveito de uma história no planejamento do professor.

CAPÍTULO 5

POSSIBILIDADES DE HISTÓRIAS E ATIVIDADES PARA CONTAR NA PRÉ- ESCOLA



Este trabalho foi formulado com variedades de possibilidades para contribuir com professores que atuam na Educação Infantil, que pretendem utilizar o contar histórias em seus planejamentos pedagógicos e trabalhar vários aspectos do desenvolvimento das crianças seja no cognitivo, no afetivo, no físico ou no aspecto social, baseados na Base Nacional Comum Curricular.

01.

O que é preciso saber antes de escolher uma história pra contar às crianças?

Encantar e fazer a imaginação das crianças viajar por uma história precisa de alguns detalhes. De início parece muita coisa, mas aos poucos se adapta e sai tudo de forma tranquila ao planejar para contar.

Escolher e estudar a história

Às vezes a história vem aleatória ao passar pelos livros da biblioteca ou já está na mente, ou ainda, se busca uma que se adequa a determinados objetivos. Para isso é preciso conhecer a história, folhear o livro e levar as imagens para o imaginário. É preciso internalizar e mergulhar na história.

História adequada à idade

A história precisa ser adequada à idade para que quem ouvir não perder o interesse. Às vezes não importa se contém palavras que não é do cotidiano das crianças, pois isso é bom, aguça a curiosidade por compreender o que esta palavra significa. Assim haverá possibilidade de vivências e experiências com mais proveito pelas crianças.

Pensar as propostas e planejar atividades para adequar à história

Depois de verificar se a história é adequada à idade ou se tem como ser feita uma adaptação do texto, caso queria muito usar essa história, será necessário planejar cada passo. Se a mente está de posse de como a história é, com certeza a imaginação do professor também vai fluir para

que as crianças aproveitem o máximo. Cada história vem carregada de conhecimentos que permite várias possibilidades, mas às vezes apenas algumas são suficientes para atingir os objetivos de desenvolvimento e aprendizagem que se pretende.

Traçar objetivos

Ao falar em objetivos, o professor utiliza o que a BNCC orienta, diante dos campos de experiências e o que cada um engloba, assim pode até conseguir atingir objetivos em todos os campos, o que não é necessário, poderá utilizar a mesma história depois ou outra para abranger os outros campos. A criança não deve sair do mundo da imaginação e entrar na saturação das atividades.

Para contar é preciso preparar espaço e materiais

Depois que a história foi escolhida e os objetivos traçados, se podem utilizar meios diversos para que a imaginação da criança flua com mais potência. Sair do modo de organização das cadeiras do cotidiano da sala de aula já proporciona diferentes ares para a criança e a concentração aumenta. Os objetos, que podem ser chocalhos, instrumentos musicais, fantoches, bonecos, carrinhos, bolas, máscaras entre outros que ajudam no momento de ilustrar alguma parte da história e enriquece a contação.

Momento de contar é preciso atenção

Depois de tudo pronto é o momento de começar, então alguns combinados antes é necessário, pois a criança precisa entender que ela vai entrar na história e que nesse momento não deve interromper com perguntas ou idas ao banheiro, beber água ou então mexer no coleguinha. Apresentar a capa, falar do autor e do ilustrador é interessante para iniciar, já será uma preparação que a criança recebe que pode fazer ela sempre prestar atenção nesses detalhes nas próximas histórias.

Elementos para contar a história

Agora chegou o grande momento: contar a história. Para que o momento se torne mágico, às vezes nem de objetos é necessário, porque mais importante ainda é o olhar do

contador, é a voz que imita os personagens, são os gestos e sons que ele emite para ilustrar aquele momento da porta ao se abrir, do barulho do trovão, do latido do cachorro, do barulho de chuva que pode ser até feito com as crianças que se sentirão como parte da história, além de sentir as emoções que os personagens passam.

Tempo de atuação para não perder o interesse

Contar uma história para crianças na idade da pré-escola é saber que o tempo é curto. Então mais um motivo para escolher um texto de acordo com a idade. Se começarem a perder o interesse, logo irão dispersar a imaginação.

Finalização

Agora vem a parte de interiorizar a história, a criança precisa de um tempo para isso. Então terminar e olhar para cada uma, fazer algumas perguntas faz parte dessa interiorização. Depois algo que as faça pensar na história e relembrar, tipo um desenho de algo importante da história, até mesmo ilustrarem alguma cena ou ainda recontarem.

Atividades

Agora é a hora de atingir aqueles objetivos traçados lá no planejamento. Professor, siga com as atividades que planejou, se necessário reconte a história de forma mais simples ou até mesmo parte dela para que as crianças relembrem.

02.

Vincular as histórias à BNCC

Ao planejar, o professor deve vincular o seu planejamento à BNCC, pois esta está organizada de forma a trabalhar a criança em todos os seus aspectos emocionais, físicos, cognitivos, sociais, afetivos dentre outros que possibilitam um desenvolvimento integral. Para isso é necessário articular com:

- Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil;
- Campos de Experiências;
- Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento.

03.

Contribuições de histórias
e possibilidades de
práticas.

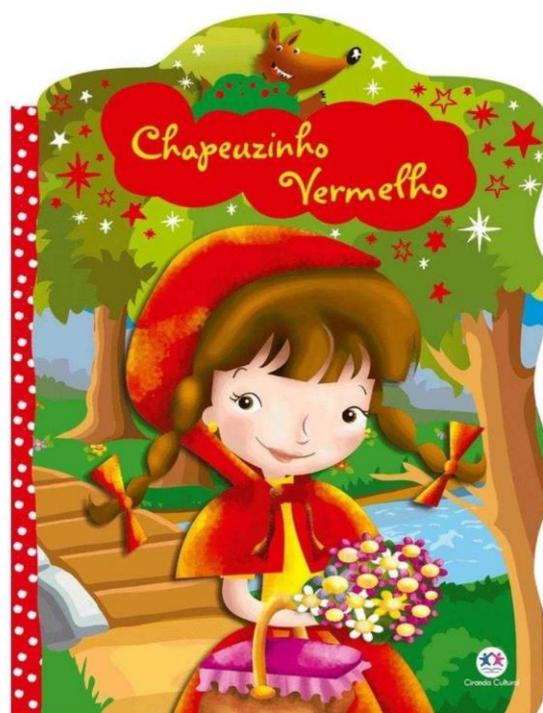
HISTÓRIA 01 - Chapeuzinho Vermelho

Autor: Charles Perrault

Ilustrador: Lie A. Nobusa

Propostas de Atividades:

- Trabalhar matemática ao contar bolinhos que podem ir à sexta da Chapeuzinho;
- Atividade em arte ao ilustrar a história;
- Trabalhar uma receita e as quantidades dos ingredientes (de algo que pode ir na sexta);
- Teatro com as crianças;
- Reconto da história;
- Cor vermelha das coisas e frutas;
- A letra V ou outra.



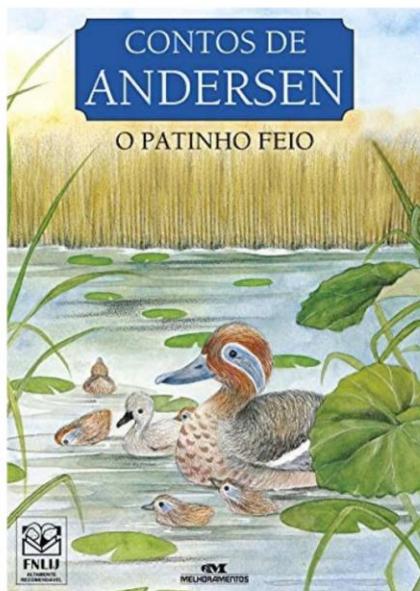
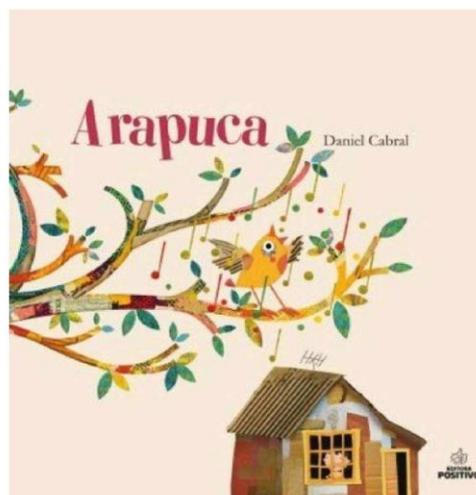
HISTÓRIA 02 - Arapuca

Autor: Daniel Cabral

Ilustrador: Positivo

Propostas de Atividades:

- Trabalho sobre a produção do lixo;
- Composições com sucata;
- Brinquedos com sucata;
- O canto dos pássaros, tipos de pássaros;
- Rótulos de embalagens;
- Observação de imagens de Vick Muniz.



HISTÓRIA 03 - Patinho Feio

Autor: Hans Christian Andersen

Ilustrador: Lie A. Nobusa

Propostas de Atividades:

- Trabalho sobre Animais;
- Respeito ao próximo;
- Reconto da história;
- Dramatização da história;
- Trabalhos com recortes e colagens;
- Fantoche no palito;
- Pintura com tinta;
- Contagem (números);
- Trabalho com recorte e colagem.

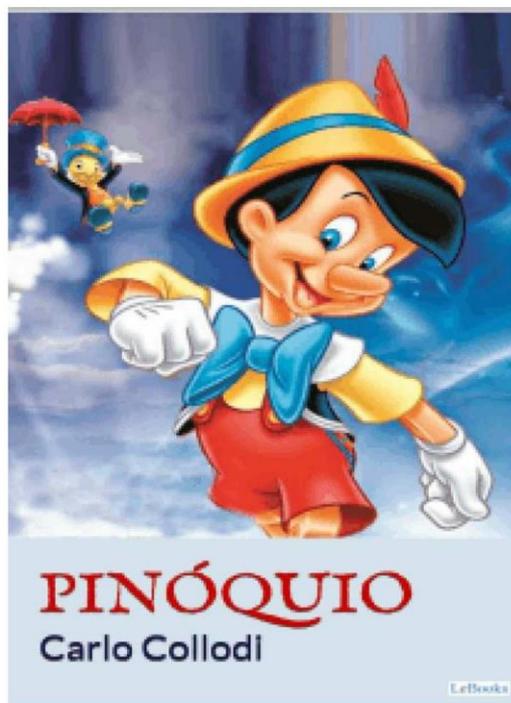
HISTÓRIA 04 - Pinóquio

Autor: Carlo Collodi

Ilustrador: Lie A. Nobusa

Propostas de Atividades:

- Gráfico para saber o personagem favorito de cada criança;
- Reconto da história com a escrita feita pelo professor;
- Montar painel dos Valores;
- Conhecer sobre as profissões;
- Montagem com recorte e colagem do boneco;
- A letra P ou outra;
- Ferramentas ou instrumentos de cada profissão;
- Trajeto de casa para a escola e vice-versa;
- O que tem no caminho para a escola;
- Trabalho com escultura;
- Brinquedos e brincadeiras de antigamente;
- Produção de brinquedos na sala de aula.



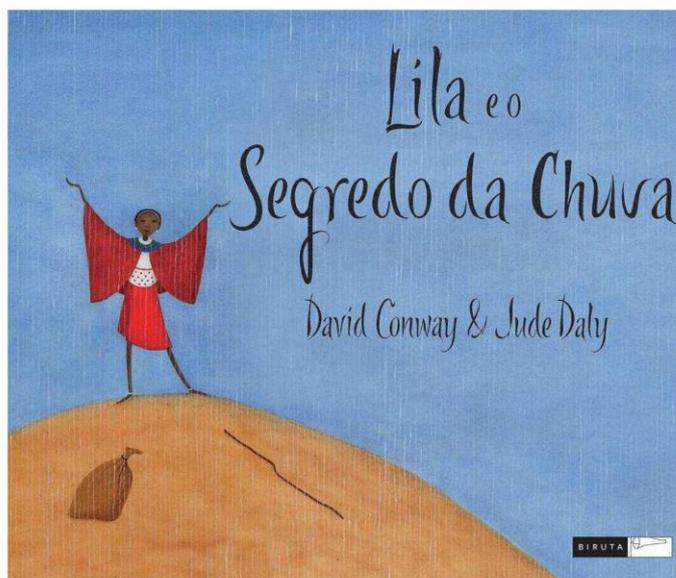
HISTÓRIA 05 - Lila e o Segredo da Chuva

Autor: David Conway

Ilustrador: Jude Daly

Propostas de Atividades:

- Experiências de como se forma a chuva;
- As estações do ano;
- Diferentes tipos de moradias;
- Tipos de climas nos diferentes lugares (fazer relação da história com o lugar onde vivem as crianças)
- Tipos de plantas dos lugares mais secos e dos lugares que chovem;
- Tipos de vestimentas diferentes conforme o lugar e o clima;
- O lugar onde vivo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento educacional das crianças pequenas está muito relacionado às experiências e vivências que os professores proporcionam às crianças. A contação de histórias é um recurso em potencial neste processo de desenvolvimento onde várias são as possibilidades que podem ser extraídas das mais diversas histórias, pois cada uma traz símbolos e significados em seu contexto, que podem ser explorados com as crianças e à partir de sua curiosidade.

Contar uma história permite momentos lúdicos únicos da professora com as crianças, momentos de encantamento, alegria e conhecimentos que podem ser estimulados através de outras vivências a partir do que se conta, assim como dos objetivos traçados no planejamento. Além disso, o contato com as histórias e com os livros permitem as crianças terem acesso ao mundo da leitura e escrita, o que estimula o gosto pela leitura, com possibilidade de formar futuros leitores.

Às vezes o único contato que a criança tem com livros é na escola, então, que esse contato seja de qualidade, que traga à tona o pensamento, a imaginação, a curiosidade e o interesse por saber mais. Nesse sentido, a BNCC frisa a importância de trabalhar a criança de forma integral, ao abrangê-la em todos os aspectos no que diz respeito ao cognitivo, físico, afetivo, social, emocional dentre outros, a contação de história pode proporcionar um trabalho amplo e desenvolver a criança, na preparação para os anos seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias são compostas de conhecimentos que permitem noções de tempo e espaço, de lugares diferentes, do real e do abstrato, de pessoas, de objetos, dentre tantas outras coisas que podem ser articuladas com os objetivos de desenvolvimento e aprendizagens que a BNCC carrega para nortear o trabalho do professor. Assim concluímos que os professores podem utilizar a contação de histórias para enriquecer o aprendizado das crianças e recheá-las com suas atividades de ludicidade e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BEDRAN, Bia. A arte de cantar e contar histórias. Narrativas Oraís e Processos Criativos. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

BENEDET, Jaison Casagrande. Atividades Lúdicas e as Contribuições para a Educação Infantil Universidade Do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma - SC, 2011.

BRASIL. Base Nacional Curricular Comum. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Último Acesso em: 20/04/2020. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GONTIJO, Claudia Maria Mendes. O processo de apropriação da linguagem escrita em crianças na fase inicial de alfabetização escolar. 2001. 291 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MATOS, Gislaine Avelar. A Palavra do Contador de Histórias: Sua Dimensão Educativa na Contemporaneidade. 2a ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PASCOAL;MACHADO UEM. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555/7124> acesso em: 05/06/2021

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 136p. 24a reimpressão 2005.

SISTO, Celso. Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias. 3 ed. Belo Horizonte : Aletria, 2012.



ANEXO

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa **CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O ENSINO NA PRÉ-ESCOLA** da aluna **VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE** do **PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**.

O objetivo da pesquisa busca explorar as contribuições da contação de histórias no ensino das crianças da Pré-escola, onde as brincadeiras e interações são os eixos estruturantes para as práticas escolares, norteados pelos documentos nacionais que regem a Educação Básica,

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista, com duração estimada de 40 minutos. Não serão utilizados recursos de imagem, como gravação de vídeo.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo.

Segundo a Resolução nº 466/2012, toda pesquisa que utiliza seres humanos em sua realização envolve risco em tipos e gradações variados. Esta pesquisa não apresenta risco direto. Indiretamente, pode-se ter o risco de constrangimento para responder os questionários. Uma forma de minimizar esses potenciais riscos é fazendo uma abordagem qualificada, uma explicação detalhada acerca do assunto, respeitando as individualidades de cada participante e preservando a privacidade do mesmo. Espera-se, com esta pesquisa, favorecer o enriquecimento teórico e auxiliar os professores da rede municipal de ensino no desenvolvimento de estratégias didáticas aplicáveis nos conteúdos, tendo em vista a carência de pesquisas neste seguimento.

A participação na pesquisa não será remunerada nem implicará em gastos.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O(s) pesquisador (es) responsável se compromete(m) a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes.

Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0, IV.4.c, V.3, V.5 e V.6 da Resolução nº 466/12.

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / coordenador da pesquisa.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação

direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Este termo possui duas vias de igual teor onde uma ficará com o pesquisando e outra com o pesquisador.

Nome
completo: _____
RG: _____ Data _____ de
Nascimento: ___/___/___ Telefone: _____
Endereço:

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____
Assinatura: _____ Data: ___/___/___

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: ___/___/___
(ou seu representante)
Nome
completo: _____

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

CEP- COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - FVC
SÃO MATEUS (ES) - CEP: 29933-415
FONE: (27) 3313-0028 / E-MAIL: cep@ivc.br

PESQUISADOR RESPONSÁVEL : VIVIANE SANTIAGO DE JESUS LEITE .
Orientadora : Mariluz Sartori Deorce